



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO 162
FEVEREIRO 2015



Bernard Frize Isto é uma Ponte



4

10x10 – A procura de uma fórmula diferente

Como cativar os alunos do secundário para matérias aparentemente difíceis? Podem as abordagens não escolares ajudar em sala de aula? O projeto 10x10 mostra que é possível aprender a olhar as matérias de outra forma e a brincar com temas como o verdadeiro e o falso. Das dez duplas professor/artista, formadas este ano pelo *Descobrir* da Fundação Gulbenkian, a dupla Miguel Horta e Ana Pereira mostra a sua experiência na Secundária D. Dinis, em Marvila.

8

Programa de Mobilidade Académica

Gonçalo de Almeida Ribeiro foi um dos primeiros professores universitários no estrangeiro a conseguir condições para ser colocado numa universidade portuguesa, com o apoio do Programa de Mobilidade Académica para Professores. Este programa pretende promover a internacionalização das instituições portuguesas e o rejuvenescimento do seu corpo docente, permitindo a este professor desenvolver hoje um trabalho regular na Universidade Católica.

As candidaturas à 2.ª edição do Programa de Mobilidade estão abertas até **12 de fevereiro**.



© Márcia Lessa



Prisão de Peterborough

24

Tornar o investimento social rentável

A 9 de setembro de 2010 nasceu o primeiro título de impacto social (*social impact bond*) do mundo, no estabelecimento prisional de Peterborough, no Reino Unido. Na altura, António Miguel fazia parte da equipa que o iniciou. Hoje, à frente do Laboratório de Investimento Social lançado pela Fundação Gulbenkian, explica como é possível financiar o investimento social e torná-lo numa mais-valia.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 162.FEVEREIRO.2015 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | DESIGN José Teófilo Duarte
Eva Monteiro | João Silva [DDLX] REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | IMAGEM DA CAPA Vullu, 2009 © Markus Wörgötter
IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 9 000 exemplares
Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



Bernard Frize, *Dero*, 2009

25

Novas exposições

No Centro de Arte Moderna, as exposições de Bernard Frize e de Miguel Ângelo Rocha marcam este início de ano. O Centro continua a mostrar a sua coleção permanente nas exposições *Animalia e Natureza* e *Arshile Gorky*, em diálogo com a coleção do CAM. No Edifício Sede, lugar para a abertura da nova exposição organizada pelo Programa Gulbenkian Próximo Futuro dedicada à fotografia brasileira.



Oito Vidas por um Título, Robert Hamer, 1949

30

Cinema no Grande Auditório

A chegar ao fim a primeira parte do ciclo de cinema *P'ra Rir!*, este mês o Grande Auditório mostrará filmes europeus de Bergman, Truffaut, Fellini e Moretti, mas também o “cinema total” de Jerry Lewis e o inesquecível Alec Guinness em *Oito Vidas por um Título*. Como habitualmente, os bilhetes custam três euros e são vendidos nas bilheteiras da Fundação Gulbenkian e na Ticketline.

34

Do Brasil ao Irão, passando pela Turquia

O mês de fevereiro traz música de vários continentes ao Grande Auditório. Adriana Calcanhotto, José Miguel Wisnik e Arthur Nestovski apresentam, em concertos diferentes, a música de inspiração popular brasileira, enquanto a dupla Kayhan Kalhor e Erdal Erzincan lembra a cultura persa e anatoliana.

O mês faz-se também do som de Gershwin no piano de Mário Laginha e do Teatro/Música, em colaboração com o Teatro Maria Matos.



Adriana Calcanhotto © Daryan Dornelles

índice

primeiro plano

4 **10x10 – A procura de uma fórmula diferente**

notícias

7 **Prémio Gulbenkian 2015**

8 **Programa de Mobilidade Académica**

12 **Projetos inovadores no Ensino Superior**

13 **IGC considerado “excepcional”**

13 **Genes e hereditariedade em animação**

13 **Gripenet: dez anos a monitorizar a gripe**

14 **Cientistas internacionais candidatam-se ao IGC**

15 **Estágios em saúde para profissionais dos PALOP e Timor-Leste**

15 **FLAD premeia vencedor do Estimulo à Investigação 2010**

16 **Biblioteca de Arte recebe legado de Robin Fior**

16 **Rede de bolseiros Gulbenkian**

17 **Bolsheiro Gulbenkian brilha em Londres**

18 **Fundação apoia Museu Nacional de Omã**

19 **Pliure em Paris**

20 **breves**

bolsheiros gulbenkian

22 **Orlando Rosado**

24 **um outro olhar**

em fevereiro

exposições

25 **Bernard Frize**

26 **Miguel Ângelo Rocha**

27 **Modernidades: Fotografia Brasileira**

28 **A biblioteca humanista de Pina Martins**

conferências

29 **É então isto para crianças?**

cinema

30 **P'ra Rir!**

música

34 **Do Brasil ao Irão, passando pela Turquia**

36 **novas edições**

37 **Catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

uma obra

38 **Théorie de l'art des jardins**

**10x10**

A procura de uma fórmula diferente

Dez professores e dez artistas tentam desenvolver estratégias de aprendizagem que sejam eficazes na captação de atenção, motivação e envolvimento dos alunos do secundário em sala de aula. Esta é a ideia base do 10x10, iniciativa do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência – Descobrir.

“Uma mentira cósmica e outros calhaus”, um dos trabalhos desenvolvidos para o projeto, juntou o artista Miguel Horta à professora Ana Pereira numa missão que obrigou os alunos a utilizarem a mentira como ferramenta pedagógica.

“**E**stou aqui desde a primeira edição”, explica Miguel Horta, artista de artes visuais e de conto oral. O 10x10 já vai na sua 3.^a edição e a ideia que está por trás do projeto tem atraído professores e artistas de todas as áreas, alguns deles com ligação estabelecida desde o primeiro ano. O objetivo é desenvolver métodos de aprendizagem que sejam capazes de cativar os alunos na sala de aula e de instigar a atenção e a curiosidade dos mesmos. Para este efeito, juntaram-se dez duplas formadas por professores e artistas, o que deu origem a colaborações entre disciplinas como o Teatro e a Matemática, a Dança e a Língua Portuguesa, a Música e a Físico-Química ou, como neste caso, as Artes Visuais e a Geologia.

Este ano, o projeto decorreu durante o primeiro período do ano letivo. Esta dupla artista-professor pôs à prova

“Uma mentira cósmica e outros calhaus”. “O corpo central da ideia é a mentira como ferramenta pedagógica”, conta Miguel Horta. “Disse-lhes que, em equipa com a professora, tinham de inventar planetas com possibilidade de existirem no Universo e tinham que fundamentar tão bem a mentira que teriam de convencer qualquer pessoa da possibilidade da sua existência.” O processo obrigou os alunos de Geologia do 10.º C2 da Escola Secundária D. Dinis, em Marvila, a pesquisarem tudo o que podiam sobre a existência dos planetas. Assim, ao longo de várias aulas, tiveram de imaginar, desenvolver e, finalmente, construir os seus planetas, transformando as mentiras em objetos reais e palpáveis, cuja verosimilidade tiveram de defender à frente do resto da turma. “Em vez de pegar na matéria e dizer-lhes que os planetas habitáveis são

estes por causa disto e aquilo, foi ao contrário: “Têm de construir uma mentira, agora pesquisem.”

Esta abordagem deu origem a toda uma nova dinâmica na sala de aula – os alunos não ficaram sentados a ouvir a matéria ensinada pelo professor, foram obrigados a procurar toda a informação possível. Quando chegou a altura de apresentarem os seus planetas uns aos outros, percebeu-se a razão da necessidade de uma pesquisa bem feita, até porque “a mentira tem perna curta”, como relembra Miguel Horta. As tentativas de desmascarar os planetas falsos nascidos na Escola Secundária D. Dinis foram variadas: “O planeta tem atmosfera? Não tem? Porque é que é amarelo? Esse planeta é composto por metano, mas está em que estado? Líquido? Sólido?” Os criadores destes novos mundos pareciam ter resposta para todas as dúvidas que lhes eram postas, e existiram propostas muito ousadas, conta Miguel Horta: “Houve alunos que inventaram um planeta que orbita em torno de duas estrelas, o que é possível no universo, outros imaginaram um que não tem um movimento de rotação, apenas de translação, portanto tem uma zona sempre iluminada e outra sempre no escuro, mas a vida desenvolve-se de um dos lados.” Para tudo isto foi preciso uma grande pesquisa, excedendo até o que estava previsto para o programa do 10.º ano. “Eles têm de perceber que fazem parte do Universo e não ficar só em cima da matéria. Temos de ter uma visão geral, mas a matéria está lá toda.” E a matéria não orbita apenas à volta da criação dos planetas.

Para complementar o assunto foi também utilizada uma estratégia diferente do habitual. No início de uma aula, Miguel Horta pediu aos alunos para pegarem nos seus manuais. Eles estranharam, diz-nos o artista, depois de tanta coisa fora do vulgar não estavam à espera de voltar a ter que



Miguel Horta e os alunos da Escola Secundária D. Dinis a construir os seus planetas “mentira”

estudar a partir do que estava no livro. “Peguei em autocolantes com *QR codes*, colei-os em algumas páginas do manual e disse-lhes que era a matéria que eles tinham que estudar.” Desta forma, foram estabelecidas ligações entre o que está nos livros e o mundo exterior. A página sobre rochas sedimentares apontava para um vídeo de Music of Stones, de Stephan Micus; outra revelava um estudo recente da NASA sobre o som de cada planeta; o capítulo dedicado às questões da gravidade tinha um *link* para o Space Oditty do David Bowie; e um último levava os alunos para o *site* da exploração NOAA, o que lhes permitiu ver vídeos reais de exploração no oceano onde puderam ver biólogos e geólogos a trabalhar em parceria no Atlântico Norte.

Parte da ideia, diz Miguel Horta, era também “dar-lhes a atualidade”. O melhor exemplo desse uso da atualidade aconteceu, porventura, durante o estudo dos vulcões. “Tinha preparado o som dos vulcões na Islândia para estudarmos o vulcanismo, mas nessa altura começou a erupção na ilha do Fogo e então estivemos *online* a acompanhar em direto a realidade. Depois fizemos uma maquete de um vulcão que é totalmente diferente daquelas maquetes do 10.º ano, muito mais realista.”

O ENTUSIASMO DA MENTIRA

Ana Pereira é professora na Escola D. Dinis há 30 anos. Para ela, esta mudança de abordagem foi muito motivadora, “tanto para mim, como para os miúdos”, afirma. Recentemente, num balanço informal que pediu aos alunos, todos se identificaram e todos disseram estar completamente satisfeitos. A ideia de um projeto que aborda as



matérias de uma forma diferente foi conseguido com sucesso: “Acho que se conseguiu tudo tendo sempre como referência uma estratégia que foi apresentada pelo artista, e conseguiu-se abordar os conceitos necessários ao programa sem fugir dele.”

Apesar de todo o carácter experimental da ideia, os programas têm que ser cumpridos e o exame existe. No final de todo o processo, continuam a ser as notas que definem o sucesso ou não do que foi trabalhado durante o período de aulas. Nesse campo, Ana Pereira também considera que o projeto funcionou: “Em termos de percentagem de negativas, nesta turma é francamente inferior à das outras, quer dos anos anteriores quer outras turmas deste ano.” Para este novo sucesso, contribuíram vários fatores. “Considero que o facto desta turma ser pequena é de ter em conta, mas o projeto também contribuiu, e o entusiasmo também.” Segundo a professora, este tipo de ideia pode ser aproveitado para outras disciplinas e outros anos. Os alunos partilham a mesma ideia: “Essa é uma das propostas que eles fizeram nas suas avaliações. Eles próprios disseram que a ideia devia ser alargada a outras disciplinas.”

A CONTAMINAÇÃO DOS PROCESSOS

O 10x10 não é feito apenas deste projeto. São 10 ideias, com 10 professores, 10 artistas e 10 turmas do 10.º ano. Ao longo de três edições, os diferentes projetos têm-se cruzado e até acabam por se influenciar uns aos outros. Uma das primeiras coisas que Miguel Horta pôs em prática na Escola D. Dinis



foi uma metodologia que aprendeu com Sofia Cabrita e Aldara Bizarro, duas artistas do teatro e da dança que também fazem parte do 10x10. O exercício consistiu numa dinâmica de corpo feita pelos alunos no átrio central da escola, à frente de toda a gente. “Há uma dinâmica em que um aluno tem que marcar secretamente um colega e tem que se movimentar pelo átrio da escola, sempre em movimento, ficando o mais longe possível do colega. O resultado é um caos, é o caos do Big Bang.”

Da mesma forma, Miguel Horta explica que conseguiu fazer com que os alunos percebessem a formação de planetas com o mesmo exercício. “A seguir, tiveram que se colocar o mais próximo possível da pessoa em que tinham pensado. Então, se eu me colar a um e há outro que pensou em mim que se cola a mim, e isto se repete por vários alunos, forma-se um núcleo e acabam por formar um planeta. Depois, ao lado havia outro grupo mais pequeno que formou um satélite.”

Os processos de trabalho e os seus resultados, de todos os projetos desta edição do 10x10, foram recentemente apresentados na Fundação Calouste Gulbenkian e no Teatro Carlos Alberto, no Porto, através de aulas públicas de diferentes formatos, com a finalidade de partilhar os sucessos e as dificuldades sentidas neste caminho de aprendizagem mútua. No próximo dia 21 de fevereiro, o Centro Cultural Vila Flôr, em Guimarães, recebe a última sessão de aulas públicas, onde poderão saber mais sobre “Uma mentira cósmica e outros calhaus” e os restantes projetos.

Toda a informação sobre o 10x10 pode ser consultada em www.descobrir.gulbenkian.pt. ■



A professora Ana Pereira e o artista Miguel Horta ajudam na criação de uma maquete de um vulcão



Prêmios Gulbenkian: Biblioteca de Alexandria (2013), Comunidade de Santo Egídio (2014) e West-Eastern Divan Orchestra (2012)

Prémio Gulbenkian 2015

De 15 de fevereiro a 15 de maio, a Fundação Gulbenkian recebe nomeações para o Prémio Calouste Gulbenkian a atribuir em julho. O prémio, no valor de 250 mil euros, distingue pessoas ou instituições, nacionais ou internacionais, que se tenham destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana. As nomeações devem ser apresentadas *online*, no site gulbenkian.pt. Criado em 2012, o Prémio Calouste Gulbenkian substituiu os cinco prémios Gulbenkian, atribuídos entre 2007 e 2011, nas áreas dos Direitos Humanos e Ambiente, da Arte, Ciência, Beneficência e Educação.

PREMIADOS ANTERIORES

No ano passado, o júri presidido por Jorge Sampaio, atribuiu o Prémio Calouste Gulbenkian à Comunidade de Santo Egídio pelo seu trabalho em prol dos menos favorecidos e pelos esforços para alcançar a paz no mundo, quer através da mediação em conflitos quer através do diálogo inter-religioso.

Em 2013, a Biblioteca de Alexandria, um dos mais prestigiados centros de conhecimento a nível mundial que completava uma década de existência, foi a premiada, bem como o seu diretor Ismail Serageldin, “académico e dirigente cultural de excelência”, que também lidera os centros de investigação e os museus associados à Biblioteca. O júri considerou a Biblioteca de Alexandria um centro de aprendizagem, tolerância, diálogo e compreensão entre culturas e povos, bem como uma instituição líder da era digital. Na primeira edição do Prémio Calouste Gulbenkian, em 2012, foi premiada a West-Eastern Divan Orchestra, criada em 1999 por Edward Said e Daniel Barenboim e que junta músicos israelitas, palestinianos e de outros países árabes. O principal objetivo da West-Eastern Divan Orchestra é ajudar a ultrapassar as barreiras e os conflitos históricos entre israelitas e palestinianos, fomentando o gosto pela música. Na altura, Jorge Sampaio lembrou o papel da West-Eastern Divan Orchestra “na celebração do valor do diálogo intercultural e do seu contributo para a harmonia e a paz”, valores sempre defendidos por Calouste Gulbenkian. ■



Programa de Mobilidade Académica

Gonçalo de Almeida Ribeiro deixou o país aos 22 anos para prosseguir os seus estudos de Direito em Harvard. Um mestrado e um doutoramento depois, está de regresso a Portugal na Católica Global School of Law, como Gulbenkian Professor.

Lançado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2012, para promover a internacionalização das instituições e o rejuvenescimento do seu corpo docente, o Programa de Mobilidade Académica para Professores tem a sua 2.ª edição a decorrer **até 12 de fevereiro**. No âmbito deste concurso são atribuídas bolsas “Gulbenkian Professorship”, das quais Gonçalo de Almeida Ribeiro foi dos primeiros beneficiários. Com 31 anos e um percurso académico de excelência, nesta entrevista o Professor de Direito fala da sua experiência em Harvard e na Católica [Global School of Law], uma escola com um projeto de internacionalização consolidado, onde está desde março de 2013. Nestas páginas, revela também o seu gosto pelo ensino e os desafios intelectuais que a crise coloca.

QUANTO TEMPO ESTEVE FORA DO PAÍS?

Seis anos. Um ano de mestrado e cinco anos de doutoramento. Licenciiei-me na Universidade Nova, em junho de 2006, e cheguei a Harvard no início de agosto desse ano. Doutorei-me em setembro de 2012 e regresssei a Portugal em março de 2013.

QUE BALANÇO FAZ DESTES ÚLTIMOS DOIS ANOS?

Um balanço muito positivo. Profissionalmente, sinto que esta experiência podia estar a acontecer em qualquer universidade internacionalizada, com boas condições para investigação. Mas há diferenças, como é óbvio: Harvard tem uma escala e recursos humanos e materiais que não

têm comparação com nenhuma universidade portuguesa. Tenho conseguido, no entanto, manter a visibilidade académica lá fora, uma coisa relativamente difícil de fazer numa disciplina tradicionalmente muito provinciana, como é o Direito.

COMO É QUE VÊ A INTERNACIONALIZAÇÃO DE UMA FACULDADE DE DIREITO?

O objeto de estudo do Direito é necessariamente mais dependente de variáveis temporais e espaciais do que os de outras disciplinas. Os físicos estudam a natureza, a matéria, e a matéria é universal. No Direito é preciso estudar, entre outras coisas, as leis de uma determinada jurisdição. Nesse aspeto, é tradicional em Direito fazer-se uma investigação mais orientada para o Direito nacional do que para outras áreas da disciplina. Mas, na verdade, há muita investigação jurídica com relevância global. Aliás, a ideia de haver uma Global School of Law baseia-se na premissa, a meu ver inteiramente correta, de que uma grande parte da investigação e do ensino em Direito é a partir de conhecimentos com uma vocação tendencialmente global ou universal, que portanto não está confinada a Portugal ou a Espanha, ou aos Estados Unidos. Por outro lado, até há relativamente pouco tempo, as universidades, sobretudo quando são universidades públicas, estão muito organizadas numa lógica nacional, de serviço aos interesses do país; em larga medida, estão orientadas para o mercado interno, e não para o mercado internacional. Isso é uma coisa que acontece em todas as disciplinas. Mas a globalização e a existência de um mercado académico internacional têm causado grande pressão para que as universidades se abram mais e se internacionalizem. É um processo gradual. Em Portugal, a internacionalização começou por acontecer naquelas disciplinas em que era mais fácil, na Física, por exemplo. Depois atingiu as Ciências Sociais naquilo em que também eram tendencialmente mais universais e menos particularistas, como a Economia e a Ciência Política. Chega com maior dificuldade aos domínios de estudo mais vinculados à cultura nacional – o Direito é um deles.

COMO É QUE SE PODE COMPARAR O AMBIENTE ACADÉMICO DA CATÓLICA COM O DE HARVARD?

Harvard é enorme e, embora haja sempre oportunidade de ter como interlocutores investigadores absolutamente brilhantes, há um certo isolamento individual. A universidade é de tal maneira grande, há tantas coisas a acontecer, que uma pessoa sente-se pequena perante aquela imensidão. Aqui é exatamente o oposto, há uma cultura de maior proximidade. É uma comunidade pequena e, portanto, nesse aspeto, as pessoas sentem-se mais próximas dos seus pares. Por outro lado, há a questão da afinidade cultural. Fiz grandes amigos em Harvard, onde passei uma parte muito importante da minha vida. Mas aqui consegui fazer bas-

“Há temas portugueses que podem ser tratados de uma perspetiva global”

tantes amizades muito depressa, porque são pessoas que partilham comigo pressupostos culturais. Mas a grande diferença, pela positiva, de uma universidade como Harvard, relativamente à Católica, tem que ver com os recursos: as pessoas podem dedicar-se única e exclusivamente à investigação, sem grandes preocupações mundanas. Isso sente-se muito no *campus* universitário americano destas universidades de elite, que estão muito isoladas do mundo e onde as pessoas podem dar-se ao luxo de viver e respirar um ambiente de investigação científica e de comunidade intelectual muito intenso. Aqui não. Na sua maior parte, os meus colegas a fazer doutoramento estiveram durante anos e anos a dar aulas para terem um salário de assistente, e foi nessa base que conseguiram fazer os seus doutoramentos, com muito maiores dificuldades. Isso distingue claramente o meu percurso do da generalidade dos meus colegas cá. Dei algumas aulas nos Estados Unidos, mas só as que quis.

GOSTA DE DAR AULAS?

Adoro investigação, mas também gosto muito de dar aulas. Não minto se disser que qualquer professor gosta de dar aulas a bons alunos, mas há professores que têm gosto em dar aulas a alunos que podem ter menos talento, desde que esses alunos não sejam mal comportados e completamente desinteressados. Eu tenho esse gosto. Gosto de ensinar alunos menos talentosos e esses encontram-se em toda a parte do mundo. A Católica, tal como algumas universidades públicas em Portugal, tende a recrutar a nata dos alunos do secundário. Mas é uma questão de massa crítica, um fenómeno de estatística: a nata dos alunos do secundário não tem comparação com o mercado de recrutamento de uma universidade como Harvard. Não quer dizer que não tenhamos em Portugal alunos fenomenais. Mas a qualidade média é diferente, isso é indiscutível. Por outro lado, a recompensa pedagógica é mais imediata quando se dá aulas a alunos portugueses, porque são pessoas da minha comunidade. Fui para fora muito cedo e considero-me uma pessoa com um espírito genuinamente global. Vejo-me como académico a participar num mercado de ideias e num mercado académico que é internacional. Mas não é tudo a mesma coisa. Dentro desta aldeia global, há variações de proximidade e a nossa comunidade de referência tende a ser a nossa comunidade nacional. Nesse aspeto, encontro aqui uma ressonância com os alunos a quem dou aulas que não encontrava nos Estados Unidos.



“Introdução ao Direito”. Esta cadeira [Método do Caso] vem crescer a essa cadeira tradicional. Baseia-se na análise de casos, contemplando temas intuitivos para alunos do primeiro ano: por exemplo, estado de necessidade e direito à vida. São situações como a de um caso real do século XIX, em que um barco naufraga e os seus tripulantes estão num bote durante vários dias e acabam por ter de decidir se matam o mais fraco, para poderem sobreviver. Não são aquelas questões típicas em Direito, completamente distantes das preocupações dos alunos. Há outros temas como discriminação em função da raça, discriminação em função da orientação sexual, Direito, moral e liberdade, e ainda responsabilidade civil entre a culpa e o risco, temas com grande apelo para os alunos. Damos-lhes os factos dos casos, ou seja, uma história. Isto é completamente diferente de ensinar o Direito a partir de conceitos muito abstratos, ou da lei. Depois pedimos para eles opinarem. Normalmente, fazem-no de uma forma muito participativa, mas muito pouco disciplinada, porque não estão habituados a argumentar. É da essência da disciplina obrigar os alunos a participar, sendo que, ao contrário do que é tradicional em Direito, em que normalmente os bons alunos participam muito, dominando completamente o espaço, a nossa obrigação enquanto professores que moderam e

NA CATÓLICA SÓ TEM ALUNOS PORTUGUESES, OU QUE FALEM PORTUGUÊS?

Não, uma das coisas que me atraiu na Católica foi ter programas internacionais com uma base de recrutamento muito diferente do que tradicionalmente marca a internacionalização das universidades portuguesas – que é a lusofonia. Na Católica, temos alunos de Macau, do Brasil, Angola, Moçambique e Cabo Verde, mas temos também dois programas de LLM [Mestrado em Direito – ver texto p. 12] exclusivamente ensinados em inglês onde já tive alunos chineses, indianos, alemães, italianos, ingleses, bem como alunos de vários países do Leste da Europa e da América Latina, sem ser do Brasil. Vamos ter uma aluna de doutoramento do Zimbabué, coisa muito pouco habitual em Portugal, e certamente única em Direito. Não há nenhuma escola de direito portuguesa que tenha alunos destas nacionalidades.

LECIONA UMA CADEIRA NO PRIMEIRO ANO DA LICENCIATURA QUE É INTRODUÇÃO AO DIREITO – MÉTODO DO CASO. COMO É QUE FUNCIONA?

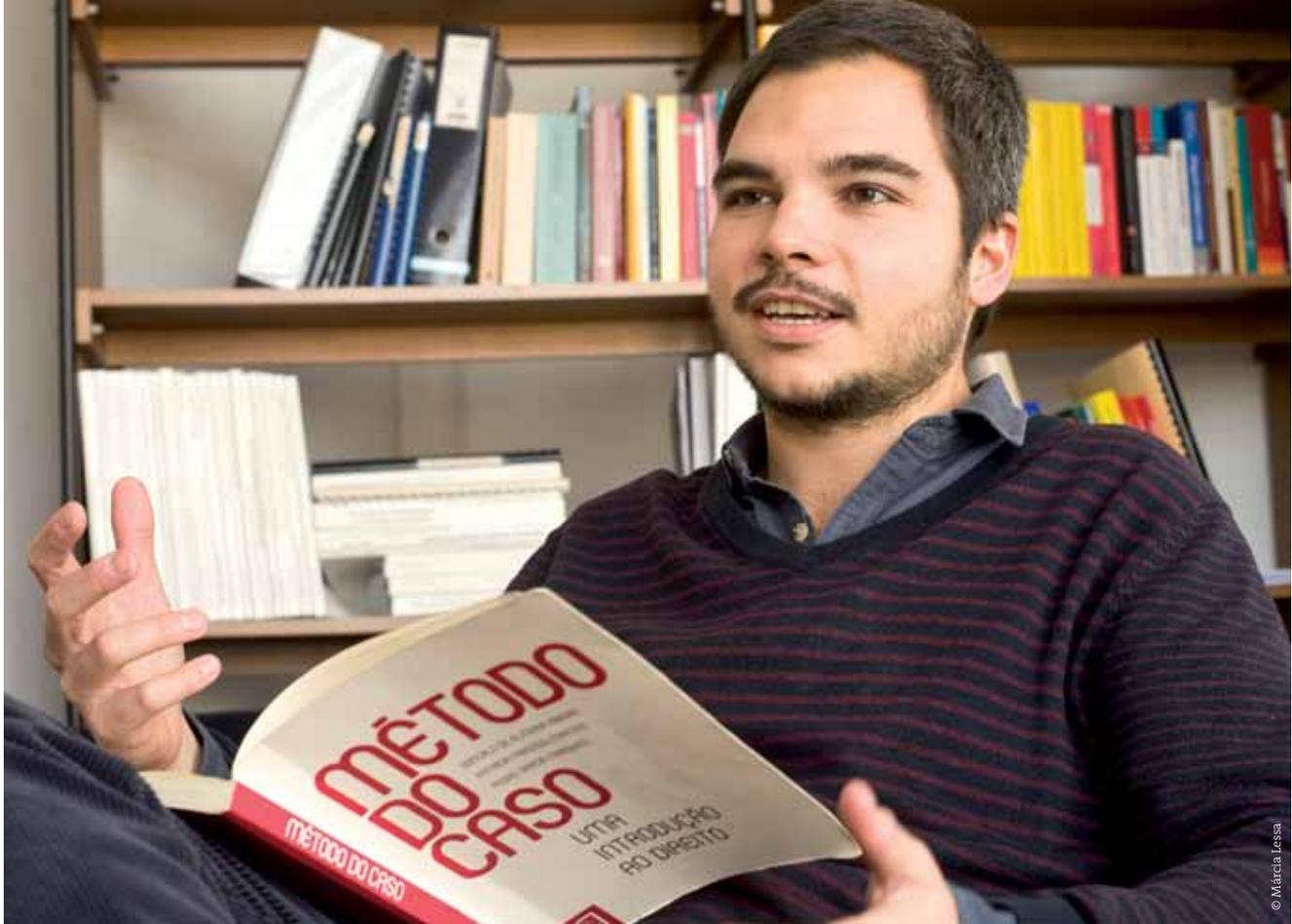
É a cadeira que mais prazer me dá ensinar. Somos três professores, fazemos *co-teaching*. Temos interesses suficientemente semelhantes para podermos funcionar harmonicamente, mas suficientemente diferentes para sermos complementares uns dos outros. Há muito tempo que existe uma cadeira no primeiro ano do curso que se chama

“Vamos ter uma aluna de doutoramento do Zimbabué, coisa muito pouco habitual em Portugal, e certamente única em Direito”

guiam o debate é permitir a descentralização, dando a todos a oportunidade de participar. Depois são confrontados com as decisões, queremos que eles tenham uma atitude crítica, que resulta da discussão nas aulas. É um grande desafio para os alunos, até linguístico, porque os casos estão todos em inglês, e o inglês jurídico é muito técnico.

É UMA CADEIRA DE INSPIRAÇÃO AMERICANA?

Ensinar Direito a partir de teorias muito gerais é uma redução da complexidade da vida. Os casos têm subtilezas, apresentam problemas naquela região cinzenta, são muito mais difíceis de decidir do que normalmente são as hipóteses que os professores inventam para ilustrar determinadas situações. É uma cadeira de inspiração totalmente americana, no duplo sentido: o Direito nos Estados Unidos, sobretudo no 1.º ano, é ensinado não como na tradição europeia, justamente a partir da lei ou de teorias gerais,



© Mária Lessa

mas a partir da análise de casos, o que eles chamam *case method*; por outro lado, em termos do método pedagógico – o que chamamos “método sócrático”, por oposição ao método *ex-cathedra*. Em vez de haver uma palestra, os alunos vão por si próprios progredindo na aprendizagem de conteúdos, e não por imposição da autoridade do professor. É uma grande revolução em termos do que é a tradição no ensino do Direito em Portugal. A cadeira já existia, tinha um ano de vida quando cheguei cá, mas era ensinada de forma diferente. Eu e os meus colegas demos-lhe este enfoque, reinventámo-la. É uma cadeira muito exigente, mas os alunos, em geral, ficam muito entusiasmados.

“Esta crise cria tensões intergeracionais muito difíceis de gerir”

FOI PARA FORA COM 22 ANOS E VOLTOU COM 28. O QUE É QUE MUDOU, DO SEU PONTO DE VISTA?

Saí de um país relativamente otimista, que tinha uma ilusão de progresso, e voltei para um país onde as pessoas vivem alarmadas com o risco, com o medo, com a crise. E na minha geração, de pessoas relutantes em ir para fora – só havia uma franja muito pequena de pessoas, nas quais eu

me incluí, que quiseram muito sair do país –, tornou-se uma geração que, por necessidade, passa a interpretar a sua situação em Portugal como contingente, que pensa que a qualquer momento pode ter de fazer as malas e partir. Nesse aspeto, o país mudou muito e mudou para pior.

O SEU REGRESSO A PORTUGAL DESPERTOU-LHE INTERESSE POR NOVOS TEMAS?

Esta crise cria tensões geracionais interessantes. Gostava de desenvolver alguma investigação numa área nova para mim, a da Justiça intergeracional, que tem uma dimensão mais clássica, a do ambiente, mas há outras áreas, mais recentes, que têm que ver com o endividamento público ou com o mercado de trabalho, onde surgem tensões intergeracionais muito difíceis de gerir. São sintomas da crise e constituem um desafio. Há muitas coisas intelectualmente interessantes a acontecer em Portugal. Desde a tensão entre o Governo e o Tribunal Constitucional ao longo desta legislatura, passando pelas questões ligadas ao futuro da integração europeia, há coisas muito interessantes para discutir que não se colocavam antes. Quando me fui embora, entre outras razões, também foi porque o país era muito pequeno, muito irrelevante, e eu queria estudar os grandes temas globais. Agora há temas portugueses que podem ser tratados de uma perspetiva global, internacional, são universalmente relevantes, e estão associados a este momento de crise que estamos a passar. ■



Projetos inovadores no Ensino Superior

A até 12 de fevereiro, as instituições de Ensino Superior que pretendam candidatar-se a Projetos Inovadores para 2015, apoiados pelo Programa Gulbenkian Qualificação de Novas Gerações, podem fazê-lo no *website* da Fundação. No dia 14 de janeiro, foi feita a primeira apresentação pública de seis dos 24 projetos apoiados desde o início deste concurso, que visa a modernização do funcionamento de instituições do Ensino Superior e a melhoria do ensino e da aprendizagem. O concurso, iniciado em 2009, tem apoiado financeiramente vários projetos, de áreas tão distintas como a Medicina, a ciência do vidro ou o Direito. Este encontro aberto ao público teve como objetivo mostrar o trabalho que as instituições beneficiárias deste apoio têm desenvolvido, assim como pôr em contacto as diversas organizações presentes no evento.

Dos vários projetos apresentados ao longo de três horas, destaque para o **LLM (Master of Laws) Law in a European and Global Context**, da Universidade Católica Portuguesa, apresentado por Luís Barreto Xavier. O programa, com a duração de um ano, surge da “necessidade de acompanhar um mundo global e mais competitivo”, segundo Barreto Xavier, e pretende contrariar um “ensino de Direito tradicionalmente conservador em Portugal”.

O LLM assume uma abordagem *total law*, focando-se num ensino do Direito num contexto cada vez mais internacional, inteiramente lecionado em inglês e com um corpo docente vindo de todo o mundo. O sucesso do curso verifica-se também pela quantidade de estudantes estrangeiros que o frequentam, uma vez que estão representadas 43 nacionalidades entre os seus estudantes, com os Estados Unidos a ocupar a maior fatia de alunos estrangeiros. O curso foi também distinguido como um dos mais inovadores pelo *Financial Times* pelo quinto ano consecutivo.

Num campo completamente distinto, **Arte e Ciência do Vidro – Um Projeto de Educação Interdisciplinar**, que contou com o apoio da Fundação em 2010, é um curso com um

currículo pioneiro, virado para o ensino artístico do trabalho com vidro, mas com uma forte base científica no que diz respeito à criação e à utilização inovadoras deste material. O projeto, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, foi apresentado antes do **Experiment@portugal**, um dos raros casos que já mereceu um apoio por duas ocasiões distintas. O *experiment@portugal* é um portal que apresenta o potencial nacional em experimentação *online*, disponibilizado por instituições do Ensino Superior em Portugal. O projeto cria ainda condições para um consórcio nacional, com massa crítica para projeção internacional, e tem vindo a organizar conferências internacionais desde 2011. O portal pode ser visitado em pt.lab2go.net.

Teresa Vazão e António Ferraz, do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, apresentaram **Metodologia do Ensino Interativo para Engenharia**. Durante a palestra mostraram como o uso de novos materiais possibilita uma experiência mais interativa entre alunos e professores durante as aulas teóricas e traduzem-se num maior sucesso nas avaliações dos estudantes.

Para o final ficaram duas apresentações de projetos ligados à Medicina. Manuel João Costa, da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho, discursou sobre a **Criação de um Centro de Simulação de Competências Científicas Laboratoriais (CSCCL)**, um projeto que procura mudar o acompanhamento, o ensino e a avaliação das aulas em laboratório. João Ferreira apresentou **Educação pela Ciência – Promoção da Investigação Científica na Educação Médica Pré-Graduada**, uma ideia que tem sido posta em prática na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, e que consiste no apoio e dinamização de programas e projetos de investigação científica e inovação tecnológica, no âmbito da pré-graduação. ■

www.gulbenkian.pt



IGC considerado “excepcional”

No relatório do painel de avaliação contratado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) pode ler-se que “o IGC é um instituto de elevada qualidade a nível mundial do qual Portugal se deve orgulhar”.

Esta avaliação coloca o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) entre os 11 centros de investigação portugueses consi-

derados “excepcionais”, a classificação mais alta. Esta avaliação é determinante para as unidades de investigação, dado que define o financiamento anual entre 2015 e 2020. Os centros assim classificados vão receber um financiamento global anual, no seu conjunto, de 13 milhões de euros. ■

Genes e hereditariedade em animação

Os meus genes: saber ou não saber quem sou é um novo vídeo de animação produzido pelo gabinete de Comunicação de Ciência do IGC, que explora vários conceitos sobre informação genética como a hereditariedade, as doenças genéticas e a sequenciação do genoma humano.

O filme pretende questionar possíveis implicações sociais e éticas resultantes do acesso a este tipo de informação e foi criado para alunos dos 16 aos 18 anos, mas adequa-se a pessoas de todas as idades. O vídeo está disponível no canal do IGC no YouTube (IGCiencia), com legendas em português e inglês. ■

Gripenet

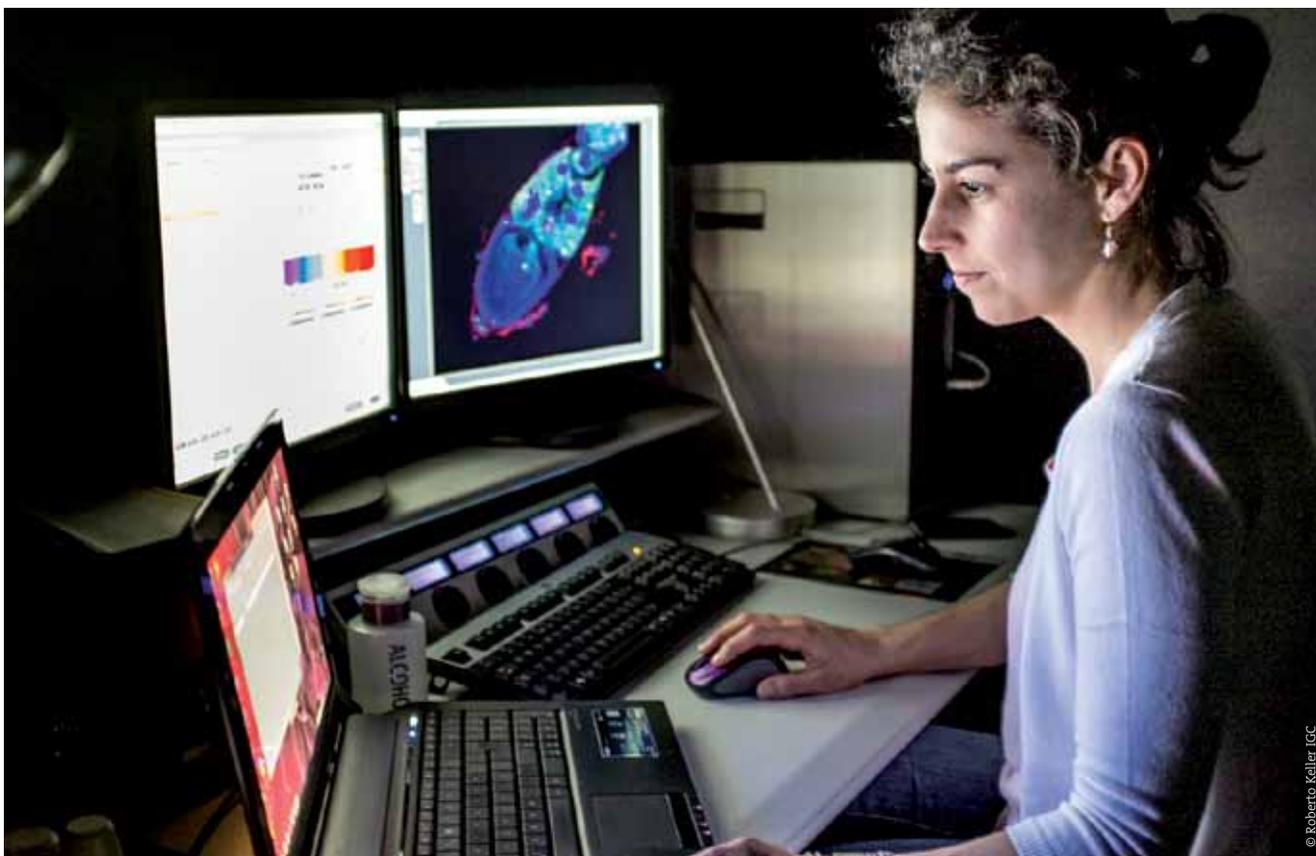
Dez anos a monitorizar a gripe

Nascido em 2005, este projeto pioneiro em Portugal, conta com a participação dos cidadãos para conseguir monitorizar a incidência da gripe no país, em tempo real. O projeto Gripenet, desenvolvido por investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) sob a liderança de Gabriela Gomes, contou, desde então, com mais de 24 mil voluntários residentes em Portugal.

A celebrar o seu 10.º aniversário, o Gripenet decorre este ano pela primeira vez em colaboração com o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, a entidade coordena-

dora do Sistema Nacional de Vigilância da Gripe. Para participar no projeto, basta aceder ao site do Gripenet e reportar alguns sintomas (sejam calafrios, tosse ou febre) que tenham tido nessa semana, através de um simples questionário *online*, confidencial e anónimo.

Este projeto tem permitido entender melhor a dinâmica de transmissão dos vírus da gripe, incluindo os fatores de risco na população, a influência ambiental, assim como a eficácia da vacina, o recurso aos sistemas de saúde ou os comportamentos face à doença. ■ www.gripenet.pt



© Roberto Keller IGC

Cientistas internacionais candidatam-se ao IGC

Durante este mês, decorre um simpósio onde serão entrevistados 20 cientistas, incluindo três portugueses a trabalhar atualmente no estrangeiro, que pretendem estabelecer-se no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) com um grupo de investigação independente. Os candidatos estarão no Instituto, conhecendo-o e interagindo com a sua comunidade científica, discutindo o seu trabalho e os planos de investigação para o futuro. Este simpósio é a penúltima etapa do processo de recrutamento de novos líderes de investigação que terminará com a seleção final pelo Conselho Consultivo do IGC, composto por cientistas internacionais de renome e presidido por Kai Simons. O processo iniciou-se com o lançamento do anúncio em julho, ao qual se candidataram 129 cientistas, dos quais 91 eram investigadores estrangeiros, oriundos de 16 países diferentes. Entre os candidatos selecionados para entrevista, encontram-se jovens investigadores que querem iniciar um grupo de investigação, mas também investigadores seniores, com larga experiência e reputação, que ambicionam fazer a sua investigação no IGC.

O anúncio de recrutamento de investigadores independentes para o IGC teve um impacto inusitado na comunidade científica internacional, graças aos critérios de seleção anunciados. A seleção dos candidatos, na primeira fase do processo de recrutamento, teve em consideração critérios como o percurso de investigação do candidato, as suas descobertas, e o potencial e relevância das linhas de investigação que se propõe desenvolver no IGC, mas excluiu explicitamente a utilização de indicadores numéricos habitualmente usados, tais como o fator de impacto associado às revistas onde os artigos científicos dos candidatos foram publicados ou o número de citações desses artigos. A relevância deste tipo de indicadores numéricos para uma correta avaliação da qualidade e potencial da ciência é polémica no seio da comunidade científica (discutida na San Francisco Declaration on Research Assessment – DORA). No entanto, esta foi talvez a primeira vez que uma instituição abdicou da sua utilização como critério de avaliação. No seguimento deste processo, outras instituições já elogiaram os critérios de recrutamento estabelecidos pelo IGC. ■

Estágios em saúde para profissionais dos PALOP e Timor-Leste

Alicio Paraiso do Espírito Santo tem 38 anos, é enfermeiro, natural da ilha do Príncipe e um dos selecionados da 4.ª edição do programa de estágios de curta duração para profissionais de saúde dos PALOP e Timor-Leste, um programa promovido pelo Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento. Criado em 2011, este projeto já apoiou a formação e atualização técnica de 73 profissionais de saúde em serviços públicos de saúde portugueses.

Do Hospital Dr. Manuel Quaresma Dias da Graça, no Príncipe, onde exerce enfermagem na área cirúrgica, para o Hospital José Joaquim Fernandes, em Beja, Alicio Espírito Santo é o primeiro bolseiro desta edição a chegar a Portugal e a ele se juntarão outros 17, provenientes de Angola, Moçambique, Guiné- Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Timor-Leste. A especialização em cuidados hospitalares é o traço comum entre os técnicos de saúde – médicos, enfermeiros e técnicos de diagnóstico e de terapêutica – selecionados para os estágios, que terão a duração máxima de três meses e que vão decorrer em hospitais e centros de saúde da Grande Lisboa, de Coimbra e do Porto.



Alicio Paraiso do Espírito Santo

A formação e especialização de recursos humanos na área da saúde é um dos eixos prioritários do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento, que tem como objetivo contribuir para o reforço das capacidades de pessoas e organizações nestes países. ■

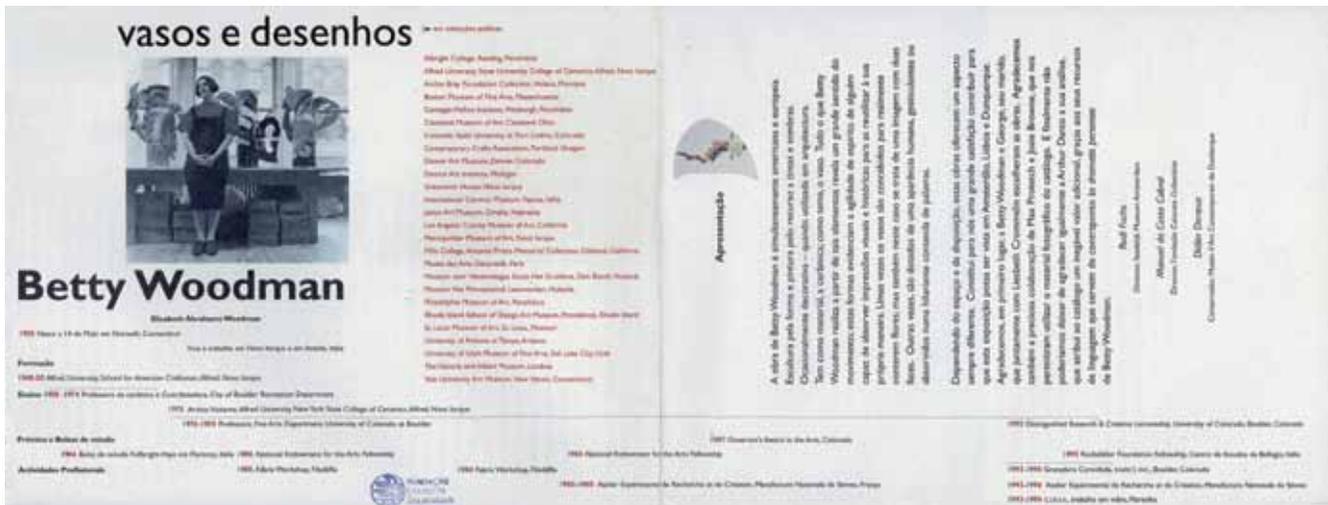
FLAD premeia vencedor do Estímulo à Investigação 2010

A primeira edição do FLAD Life Science 2020 distinguiu dois cientistas, um dos quais Hélder Maiato, vencedor do Estímulo à Investigação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2010. No dia 7 de janeiro, na sede da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, o primeiro prémio FLAD Life Science 2020 no valor de 800 mil euros, foi entregue aos dois projetos vencedores: uma equipa de investigação do Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra, coordenado por Ana Cristina Rego, e uma equipa do Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC) da Universidade do Porto liderada por Hélder Maiato.

Hélder Maiato tem 38 anos, licenciou-se em Bioquímica na Universidade do Porto, doutorou-se em Ciências Biomédicas em Edimburgo, onde estudou a divisão celular, e fez o pós-doutoramento na mesma área nos Estados Unidos. Voltou

para Portugal porque acredita que o país “tem tudo para oferecer: laboratórios de referência mundial com reputação internacional que compararia com os melhores laboratórios do mundo em áreas-chave no caso da ciência da vida”. Está há dez anos no IBMC, onde coordena um grupo multidisciplinar de investigação na sua área.

Em 2010, receber a distinção Estímulo à Investigação da Fundação Calouste Gulbenkian “mudou muita coisa”. Diz o investigador que foi com o financiamento da FCG e de outras duas instituições que o seu grupo “atingiu a maioria”, só possível graças ao investimento feito. E remata: “Há quatro anos que podemos dizer que estamos no Paraíso da Investigação.” Sobre o FLAD Life Science 2020, Hélder Maiato diz que veio na melhor altura porque está a terminar o financiamento que tinham e promete “continuar a provocar e a desafiar barreiras e limites”. ■



Desdobrável com design de Robin Fior, para a exposição de Betty Woodman. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997

Biblioteca de Arte recebe legado de Robin Fior

O espólio do designer inglês Robin Fior foi entregue no final do ano passado à Biblioteca de Arte da Fundação Gulbenkian, constituindo-se como um conjunto de documentação importante para o estudo do *design* gráfico na segunda metade do século XX.

A ligação de Robin Fior (1935-2012) a Portugal data de 1972, ano em que chegou a Lisboa, vindo de Londres, cidade onde nasceu e onde desenvolveu uma atividade ligada às artes gráficas e ao *design*. Desse período ficou o seu envolvimento com movimentos políticos de esquerda, o início da sua carreira docente na London School of Printing (1960) e na Chelsea School of Art (1963), assim como o seu trabalho como diretor artístico da editora Pluto Press, para a qual criou diversas capas.

Em Portugal, participou na criação do Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual – onde foi professor durante 25 anos e responsável pelo *design* de várias das suas publicações. Em 1976 foi um dos fundadores da Associação Portuguesa de Designers, juntamente com Sebastião Rodrigues, Daciano da Costa, Maria Helena Matos e António Sena da Silva, entre outros. Robin Fior criou alguns cartazes para os movimentos de libertação dos países africanos e foi também o autor do símbolo do Movimento de Esquerda Socialista (MES), assim como o diretor gráfico do jornal do partido. Fior realizou igualmente alguns trabalhos de *design* gráfico para a Fundação Calouste Gulbenkian, o mais antigo dos quais em 1964. ■

Rede de Bolseiros Gulbenkian

A Fundação Gulbenkian criou uma rede de bolseiros no LinkedIn (uma rede social de contactos profissionais) para permitir a partilha e troca de informações entre aqueles que compõem a grande “família” dos atuais e antigos bolseiros Gulbenkian.

Desde a altura em que a Fundação começou a atribuir bolsas de estudo, nos anos 50, dezenas de milhares de estudantes beneficiaram de bolsas de estudo para a sua formação. Muitas das figuras que se evidenciaram em várias áreas na vida nacional foram bolseiros Gulbenkian em

vários cantos do mundo. A rede, de acesso reservado a bolseiros, foi criada em maio de 2014 e, desde então, conta com mais de 600 inscritos.

De forma simples e intuitiva, os bolseiros podem partilhar nesta rede informação sobre os trabalhos que estão a realizar, colocar questões, manter ou iniciar novos contactos, bem como tomar conhecimento de outros bolseiros Gulbenkian da área ou região geográfica onde desenvolvem a sua atividade. ■



Marcelino Sambé

Marcelino Sambé

Bolseiro Gulbenkian brilha em Londres

Na sua edição de 31 de dezembro, o jornal *The Independent* divulgou uma lista das 10 figuras mais promissoras da cena cultural britânica, “a ter debaixo de olho em 2015”. Uma dessas *rising stars* eleitas pelo jornal é o jovem português Marcelino Sambé, de 20 anos de idade, primeiro bailarino da Royal Ballet, uma das mais prestigiadas companhias de dança do mundo.

De acordo com o jornal, a impressionante técnica exibida por Sambé, aliada a uma energia e presença em palco notáveis, foram as principais razões da escolha. O jornal sublinhou ainda o facto de, antes mesmo de ter sido promovido a primeiro-bailarino da companhia, os coreógrafos Kim Brandstrup e Alastair Marriott terem criado papéis especialmente para ele, explorando a sua extraordinária capacidade de salto e fluidez de movimento, capazes de prender a atenção do espectador mesmo em papéis secundários.

Marcelino Sambé ingressou na Royal Ballet School em 2010, depois de a diretora daquela conceituada escola de dança britânica ter assistido, enquanto membro do júri, à

atuação do jovem bailarino num concurso internacional, numa altura em que frequentava a Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa. O convite para frequentar a escola não se fez esperar e uma bolsa de estudo atribuída pela Fundação permitiu ao jovem bailarino estabelecer-se em Londres e iniciar a sua formação.

No final do ano de 2012, a *Newsletter* entrevistou Marcelino Sambé, na altura com 18 anos, na secção dedicada aos Bolseiros Gulbenkian. Os prémios que vinha colecionando e os relatórios repletos de elogios que a Fundação recebia regularmente da Royal Ballet School faziam crer, tal como referimos na ocasião, que estávamos perante uma verdadeira estrela em ascensão cujo percurso iríamos seguir com atenção. Não nos enganámos. É já primeiro-bailarino da Companhia e vai participar, este mês, na produção de *O Lago dos Cisnes* da Royal Ballet, tendo sido escolhido para dançar o exigente *pas de trois*, um dos momentos emblemáticos desta obra-prima do bailado clássico com música de Piotr Ilitch Tchaikovsky. A estreia é no dia 10 de fevereiro. ■



Fundação apoia Museu Nacional de Omã

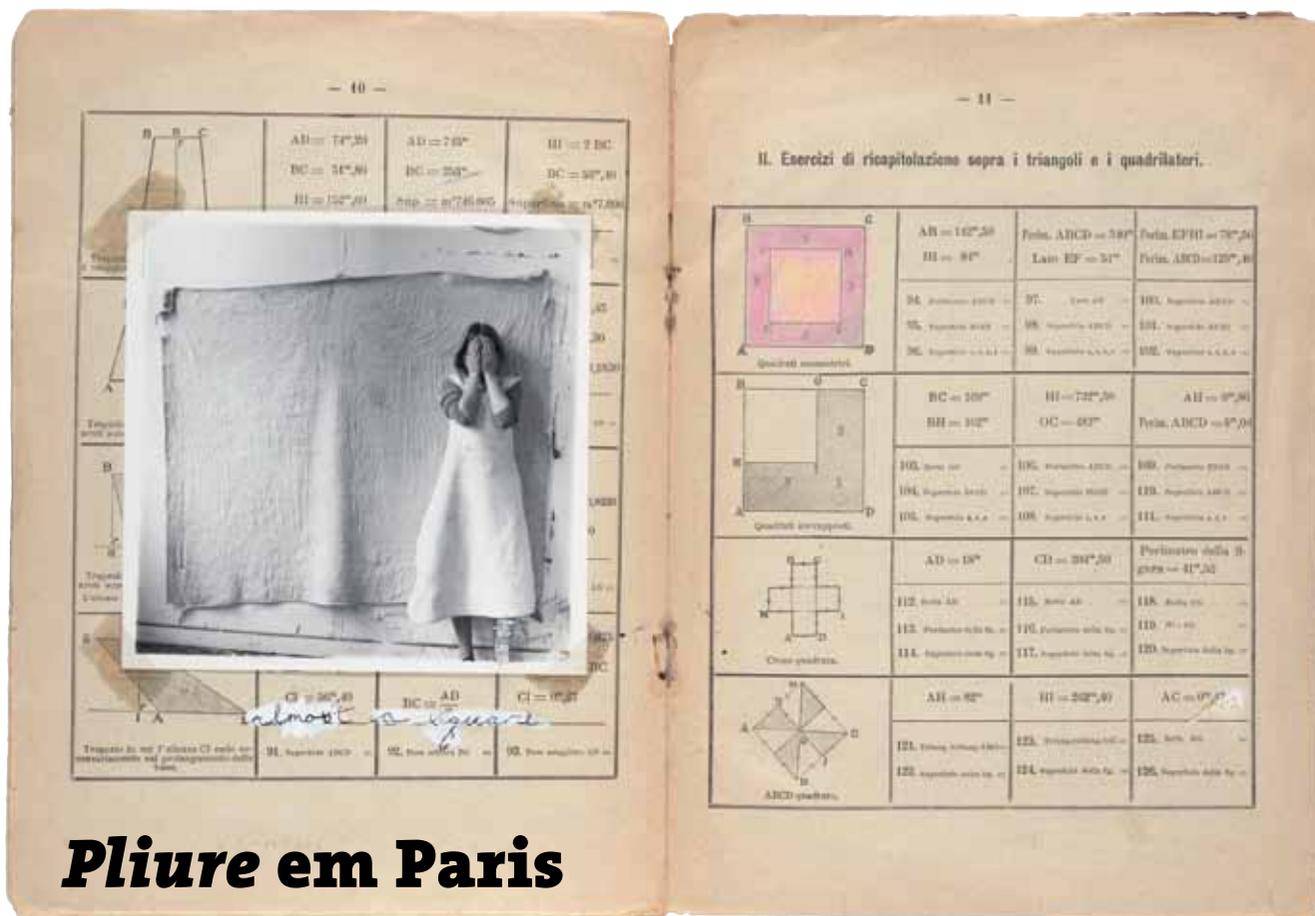
Três modelos de embarcações antigas, construídos em Lisboa com o apoio da Fundação Gulbenkian, podem ser vistos, em breve, nas vitrinas de uma sala do Museu Nacional de Omã dedicada aos laços daquele sultanato com o resto do mundo.

As peças, uma caravela latina, um junco chinês do século xv e uma nau do século xvi, foram realizadas pelo modelista Carlos Montalvão, com o apoio científico do Museu de Marinha, no âmbito de um protocolo de colaboração estabelecido entre a Fundação Gulbenkian e o sultanato de Omã.

Esta cooperação, que se iniciou em março de 2011 e teve contrato firmado em finais de 2012, previa um programa de restauro e conservação preventiva do património do museu de Omã e a formação de técnicos em áreas como a gestão das coleções, o acolhimento do público e o serviço educativo. No âmbito deste programa, foram recrutados nos dois

últimos anos técnicos portugueses de conservação e restauro que, sob a coordenação de Rui Xavier, conservador-restaurador do Museu Calouste Gulbenkian, realizaram um conjunto importante de trabalhos de restauro no acervo do museu daquele sultanato, tendo igualmente desenhado um plano geral para a conservação das obras. Ainda no quadro desta colaboração, o Museu Gulbenkian acolheu, em Lisboa, técnicos do Museu Nacional de Omã para estágio de formação nas diferentes valências constantes do contrato.

A cerimónia de pré-inauguração do Museu Nacional de Omã realizou-se no final do ano passado na presença, entre outros, dos diretores do Museu do Ermitage de São Petersburgo e da Tate Modern de Londres e ainda de muitas figuras de relevo da sociedade omanita. Em fase de conclusão, prevê-se a abertura do Museu ao público em meados de 2015. ■



Pliure em Paris

Francesca Woodman (1958-1981), *Some Disordered Interior Geometries*, 1981

Até 12 abril pode ser vista, na Delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian, a exposição **Pliure**, um ensaio sobre o livro e “a soma infinita das suas possibilidades”. Inaugurada no final de janeiro, a exposição é comissariada por Paulo Pires do Vale, responsável também pela mostra *Tarefas Infinitas – Quando a Arte e o Livro se Ilimitam*, apresentada em 2012, em Lisboa, a partir das coleções do Museu Gulbenkian e da Biblioteca de Arte.

Não sendo uma exposição retrospectiva ou antológica, nem pretendendo debruçar-se sobre um tema específico ou provar determinada teoria, o objetivo desta exposição em Paris, que toma como subtítulo **Prologue. La part du feu**, é mostrar como o livro tem sido capaz de provocar a arte ao longo dos tempos. O termo *pliure* remete, por um lado, para uma ação específica das antigas tipografias – *plier* (dobrar, em português) – e, por outro, para a marca deixada por esta ação no papel. “Pela dobragem, o livro tem duas possibilidades: abre-se ou fecha-se, revela ou esconde. Graças à dobragem, podemos encontrar qualquer coisa inesperada do outro lado da página e é este mistério que caracteriza o livro”, diz-se na apresentação desta exposição.

Reunindo cerca de 40 obras, que vão desde o século XVI ao século XXI, em *Pliure* mostram-se filmes, instalações, escultura, pintura, livros únicos e outros de produção

industrial, artistas consagrados, e outros desconhecidos (ou mesmo anónimos). São apresentadas obras de Marcel Duchamp, Alain Resnais, Sol LeWitt, Lawrence Weiner, Lewis Carroll, William Morris, Richard Long, Michael Snow, Olafur Eliasson, John Latham, Denis Diderot, Jean Le Rond d’Alembert, Francesca Woodman, Albrecht Dürer, François Truffaut, Edward Ruscha, Jean-Luc Godard, Bruce Nauman, Christian Boltanski, entre outros. Na Delegação da Fundação em Paris, que inicia em maio deste ano a celebração do seu 50.º aniversário, quatro artistas portugueses também estão representados nesta exposição: Helena Almeida, Lourdes Castro, Maria Helena Vieira da Silva e Rui Chafes.

O catálogo, que conta com ensaios de Paulo Pires do Vale, Mathieu Copeland e Gonçalo M. Tavares, abre com o portfolio *Indices* (2015), do artista catalão Ignasi Aballí, que estará representado na segunda parte desta exposição, no Palais des Beaux-Arts, ao lado de artistas como Joseph Beuys, Dürer, Fernanda Fragateiro, Matisse, Georges Méliès, Diogo Pimentão, Seth Price, Rembrandt e Seth Siegelau. Com o subtítulo **Épilogue. La bibliothèque, l’univers**, a segunda parte da exposição *Pliure*, entre 10 abril e 7 de junho, é coproduzida com a École nationale supérieure des beaux-arts de Paris. ■



Elif Shafak @ Zeynel Abidin

Elif Shafak na Fundação Gulbenkian

A escritora turca Elif Shafak, aclamada pela crítica como uma das vozes mais originais da literatura contemporânea, vai estar na Fundação Gulbenkian para falar dos temas do seu mais recente livro, *A Bastarda de Istambul*. Autora muito premiada, Shafak mistura as tradições narrativas do Ocidente e do Oriente, dando voz às mulheres, às minorias e às subculturas. No dia **3 de fevereiro**, no Auditório 3, num evento organizado pela editora e pelo Serviço das Comunidades Arménias, terá lugar uma conversa entre Elif Shafak e a jornalista Clara Ferreira Alves com o tema “Escrever sobre tabus num mundo multicultural”.

A Bastarda de Istambul, nomeado para o Orange Prize for Fiction, é o primeiro livro da autora editado em Portugal pela Jacarandá Editora. A história põe em foco uma família turco-arménia e a forma como as diferentes culturas abordam questões como a família e a maternidade. ■

Acervos documentais

Decorre até **19 de fevereiro** o concurso para projetos de recuperação, tratamento e organização de acervos documentais com relevante interesse histórico, cultural e científico. O apoio a conceder pela Fundação Calouste Gulbenkian poderá financiar a totalidade dos projetos ou participar nas despesas de projetos que sejam financiados por outras entidades, designadamente no âmbito de fundos comunitários. Desde que o concurso foi criado, em 2008, já foram apoiados 99 projetos, num total de 1 milhão e 300 mil euros. ■

Candidaturas e informações: www.gulbenkian.pt/apoios

Educação especial

Até dia **5 de março** está aberto o concurso para apoio a atividades e ações inovadoras que promovam a educação, designadamente no âmbito da intervenção precoce, reabilitação e integração escolar e social das crianças e jovens com necessidades educativas especiais. A iniciativa destina-se a projetos que promovam a inclusão escolar e social, bem como a aquisição de equipamentos para melhoria da qualidade do atendimento e da aprendizagem das crianças e jovens. ■

Candidaturas e informações: www.gulbenkian.pt/apoios



Projeto Fruta Feia – FAZ-IOP 2012

Concurso Ideias de Origem Portuguesa – FAZ-IOP

A té 2 de março, estão abertas as candidaturas para uma nova edição do Concurso Ideias de Origem Portuguesa e do Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa, que formam a iniciativa FAZ, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian e a Cotec Portugal com o objetivo de aproximar a diáspora portuguesa do seu país.

Distinguído pela Comissão Europeia com uma menção honrosa nos Prémios Europeus de Promoção Empresarial, o FAZ-Iop quer encontrar projetos de empreendedorismo social que façam a diferença nas áreas de Ambiente e Sustentabilidade, do Diálogo Intercultural, do Envelhecimento e da Inclusão Social. Para participar, é necessário constituir uma equipa que integre um português ou lusodescendente residente no estrangeiro e submeter um vídeo ilustrativo da ideia que propõe. ■ www.ideiasdeorigemportuguesa.org

O papel das ONG em Portugal

Dois estudos sobre a importância e o papel das organizações não governamentais (ONG) na sociedade portuguesa vão ser apresentados no dia 25, a partir das 9h30, na Fundação Gulbenkian. A iniciativa do Programa Cidadania Ativa trará para o debate um diagnóstico das ONG, coordenado por Raquel Campos Franco, da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica, onde se faz o retrato atual das ONG em Portugal. Outro estudo, coordenado por Nuno Frazão, do Instituto de Empreendedorismo Social, fará uma avaliação do papel do Programa Cidadania Ativa, financiado pelos EEA Grants e gerido pela Fundação Gulbenkian, no campo da inovação social no país. A sessão realiza-se no Auditório 2, com entrada livre. ■



Museu Gulbenkian entre os 17 melhores museus da Europa

O Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa, foi considerado, pela edição espanhola da revista *Condé Nast Traveler*, um dos 17 melhores museus da Europa que justificam, por si só, uma viagem às cidades que os acolhem.

A revista destaca o acervo de obras de arte antiga e artes decorativas do Museu Gulbenkian, o seu edifício “surpreendente” e o “precioso jardim” circundante. As pinturas de Monet, Millet ou Ghirlandaio são objeto de uma referência especial da revista, que realça, ainda, no outro lado do jardim, a coleção do Centro de Arte Moderna da Fundação com obras de artistas fundamentais da arte moderna e contemporânea, que fazem daquele espaço uma espécie de “Pompidou português”. ■



*Orlando Rosado | 18 anos | Dança **

“Desde que me lembro que sinto a dança a chamar por mim”

Orlando Rosado nasceu em Moura, uma pequena cidade do interior alentejano. Aos seis anos, começou a frequentar as aulas de dança do Centro Recreativo de Música local e aos 12 anos chegou a Lisboa, após ter passado na audição para entrar na Escola de Dança do Conservatório Nacional. Venceu receios e dificuldades, e foi vivendo um sonho. Em 2011, depois de um curso de verão em Nova Iorque foi convidado para a Bolshoi Ballet Academy em Moscovo, onde se encontra atualmente.

COMO É QUE A DANÇA APARECE NA VIDA DE UM JOVEM EM MOURA?

Sempre gostei muito de dançar e havia um pequeno grupo de dança em Moura onde me inscrevi com seis anos. Comecei a frequentar as aulas e a atuar nos espetáculos que se realizavam anualmente. Com o tempo, a minha mãe percebeu que eu levava a dança muito a sério e perguntou-me se queria ir para Lisboa.

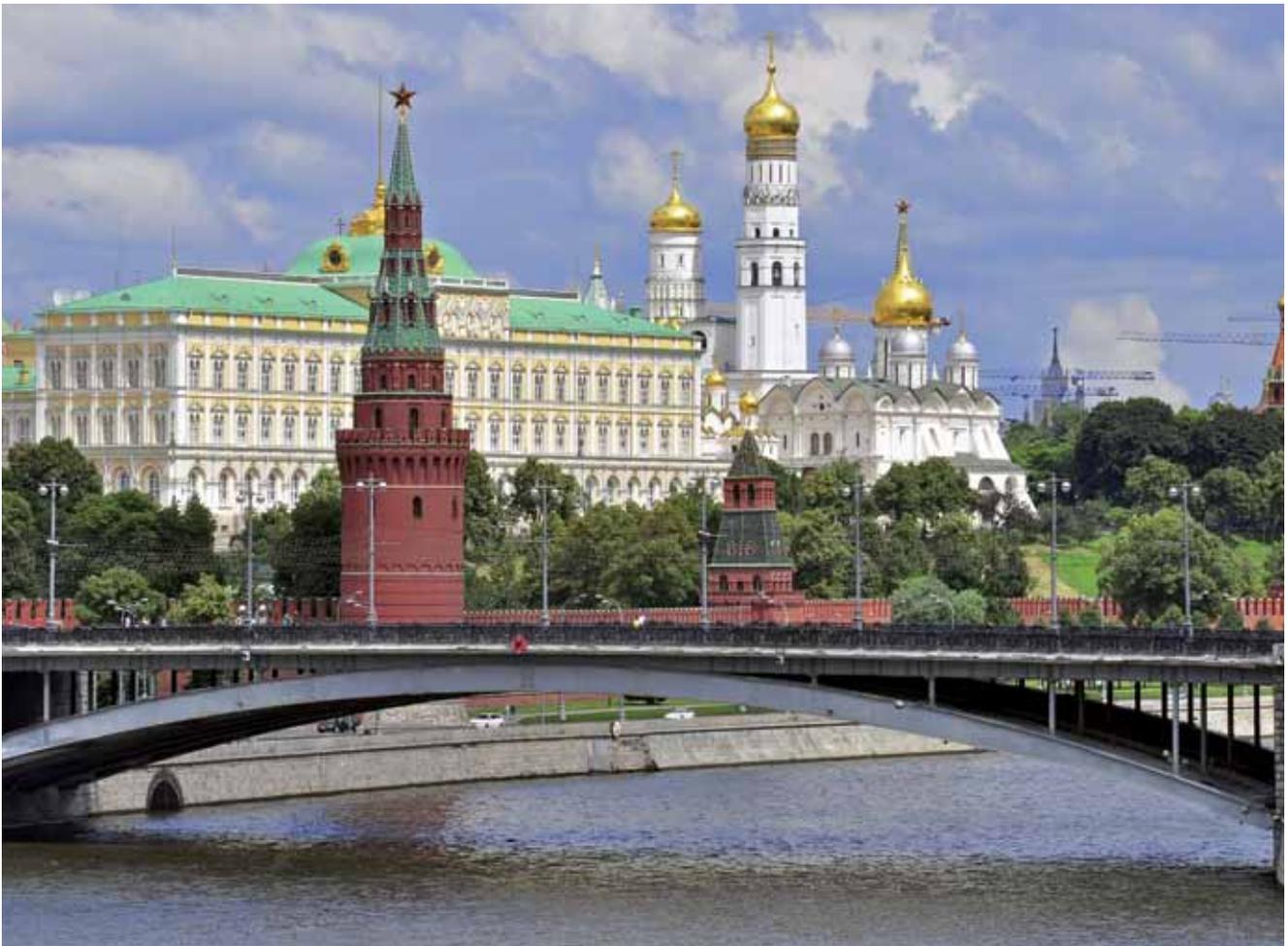
COMO FOI SER BAILARINO FORA DE UMA GRANDE CIDADE?

Não foi nada fácil. Em Moura era o único rapaz a dançar e havia muitas pessoas preconceituosas que me julgavam. Mas sempre tive o apoio da minha família, o que tornou

tudo mais fácil. Quando fui para Lisboa, notei muita diferença nas mentalidades.

COMO CORREU A MUDANÇA PARA A ESCOLA DE DANÇA DO CONSERVATÓRIO NACIONAL?

No início foi muito difícil, chorava muito com saudades de casa. Tive de me habituar a uma cidade grande, fazer novos amigos, viver com uma nova família, porque fui viver com uma família de acolhimento, mas, passado um ano, já tinha um bom grupo de amigos com quem mantenho contacto ainda hoje. Cresci muito e tornei-me muito mais responsável. Foi uma experiência muito positiva.



Moscovo

DEPOIS DE TER FEITO UM CURSO DE VERÃO EM NOVA IORQUE, SURTIU O CONVITE PARA INGRESSAR, A TEMPO INTEIRO, NA BOLSHOI BALLET ACADEMY EM MOSCOVO. COMO RECEBEU ESTA NOTÍCIA?

Em Nova Iorque tive um professor do Bolshoi que me dava alguma atenção, mas nunca imaginei que me iriam convidar, tinha apenas 15 anos. Em meados de agosto, recebi um *email* do Bolshoi mas, como o meu inglês não era muito bom, enviei para a minha irmã que estuda em Londres e ela é que me deu a notícia de que a escola gostaria que eu fosse para lá no ano letivo que ia começar. Era um convite que trazia muita responsabilidade e fiquei de “coração apertado” por deixar a família novamente, viver num país totalmente desconhecido, com uma língua que nunca tinha ouvido, e por ter que fazer novos amigos. No entanto, a vontade de concretizar um sonho falou mais alto e quando os meus pais me perguntaram se queria ir não hesitei em dizer que sim.

COMO É VIVER EM MOSCOVO?

É diferente. Tenho receio de falar a minha língua na rua porque me olham de lado e quase ninguém fala inglês, ao contrário de São Petersburgo, onde os estrangeiros são muito mais aceites.

Por outro lado, a arte em Moscovo é muito mais valorizada do que em Portugal. Os museus e os espetáculos têm sempre filas para entrar e o público é muito jovem.

ONDE O VAMOS VER DAQUI A 20 ANOS?

Se for convidado para ficar na Bolshoi ou noutra companhia russa talvez diga que sim, mas não gostava de ficar na Rússia, quatro anos foram suficientes. Gostava de ir para a Europa Central ou América, são sítios onde as oportunidades na dança estão a crescer. ■

* Bolsa de Estudo – Aperfeiçoamento em dança no Bolshoi Ballet Academy, em Moscovo de 2013 a 2015.



A inovação financeira ao serviço dos desafios da nossa sociedade

Sou um privilegiado. Todos os dias trabalho numa área que é uma das minhas grandes paixões: o sector social. Provavelmente pelo meu percurso académico, um dos meus passatempos passou a ser falar de modelos de negócio com empreendedores sociais. Sempre me fascinou a forma, muitas vezes amadora, como estes empreendedores articulam as suas propostas de valor.

Nestas conversas chegava à mesma conclusão: as organizações sociais trabalham na resolução de problemas que têm um elevado custo social e económico para a sociedade, mas fazem-no sem acesso a financiamento.

Sou também um privilegiado porque em Londres, na Social Finance, fiz parte duma equipa que decidiu desenvolver uma nova ideia para financiar a inovação social de forma sustentável.

A ideia foi simples: se conseguíssemos resolver um problema que custa muito dinheiro ao Ministério da Justiça – a reincidência criminal – quanto estariam dispostos a pagar caso houvesse uma redução desse problema, associado a poupanças para o próprio Ministério? Com base neste modelo, desenvolvemos um serviço inovador com organizações no terreno. Abordámos investidores com uma proposta: estariam dispostos a investir neste serviço inovador sendo que, em caso de redução da reincidência dum grupo de reclusos, o seu investimento inicial seria reembolsado pelo Ministério da Justiça?

No dia 9 de setembro de 2010 nascia o primeiro “título de impacto social” (social impact bond) do mundo, no estabelecimento prisional de Peterborough. Caso a redução da taxa de reincidência dum grupo de reclusos seja 10 por cento inferior em comparação com um grupo de controlo,

os investidores recuperam o dinheiro investido. Caso a redução seja menor que 10 por cento, não existe lugar a repagamento.

Ao alinhar os incentivos destes atores – sector público, investidores e organizações –, os títulos de impacto social promovem um trabalho de proximidade e aprendizagem. Uma grande parte do meu trabalho era passado com as organizações sociais no terreno, a desenvolver análises que permitissem aprender sobre o serviço que estava a ser prestado. Este era adaptado em conformidade com estas aprendizagens, como, por exemplo, a influência que o dia da semana em que o recluso era libertado tinha na sua reincidência.

Hoje, é um privilégio para mim fazer parte do Laboratório de Investimento Social, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo IES Social Business School.

Estamos a replicar o modelo dos títulos de impacto social em Portugal, e outros modelos de financiamento, para melhorar a forma como as organizações sociais se financiam e criam valor para a sociedade.

Todos os dias trabalhamos para compreender as causas dos principais desafios da nossa sociedade – desemprego jovem, institucionalização de crianças e jovens, pessoas sem-abrigo, saúde mental, entre outros –, de forma a desenvolvermos mecanismos de financiamento para que as organizações no terreno resolvam estes problemas de forma mais eficiente, inovadora e sustentável. ■

António Miguel,
coordenador do Laboratório de Investimento Social



Yal, 2009 © André Morin

Bernard Frize Isto é uma Ponte

Bernard Frize, um dos mais destacados pintores franceses da atualidade, recentemente distinguido com o prémio da Academia das Artes de Berlim, vai expor pela primeira vez em Portugal, no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian.

A mostra, intitulada *Isto é uma Ponte*, concebida pelo artista em conjunto com Isabel Carlos, que assina a curadoria, abre ao público no dia 13 de fevereiro e vai reunir pinturas produzidas durante a segunda metade da sua carreira. Desde meados da década de 1970 que a obra de Bernard Frize, nascido em 1949, se tem vindo a desenvolver na forma de séries, ou seja, grupos de pinturas fortemente relacionadas, com uma sintaxe compositiva específica que é explorada até que o artista a considere esgotada, sendo nesse ponto de exaustão que o conjunto de condições seguinte se revela.

Nesta exposição, Frize propõe focar-se em quatro séries de trabalhos produzidos ao longo de duas décadas. Estas séries distinguem-se por diferenças técnicas e estéticas – expectáveis num tão longo período de tempo –, mas encontram-se também ligadas entre si. A ideia que subjaz à exposição é evidenciar ligações entre as séries e a forma como as ideias que as atravessam se interligam, transformam e evoluem, de modo a revelar a singularidade do projeto artístico de Frize. O próprio artista escreve sobre as pinturas que escolheu: “Estão ligadas entre si pelo facto de serem distantes do meu habitual trabalho multicolorido. Seria difícil identificar um tema convencional ou conside-

rá-las totalmente abstratas. A produção destas obras tem sido errática e abrange um longo período de tempo; algumas aconteceram em séries longas, outras têm um único exemplar. Todas elas foram produzidas usando meios muito simples; a maioria com uma única cor, algumas com duas, não mais do que isso.”

Através de uma linguagem singular e de um vocabulário preciso, simultaneamente enigmático e atraente aos sentidos, esta exposição estabelece uma ponte entre a abstração e a figuração, a natureza e a cultura, a fotografia e a pintura. ■

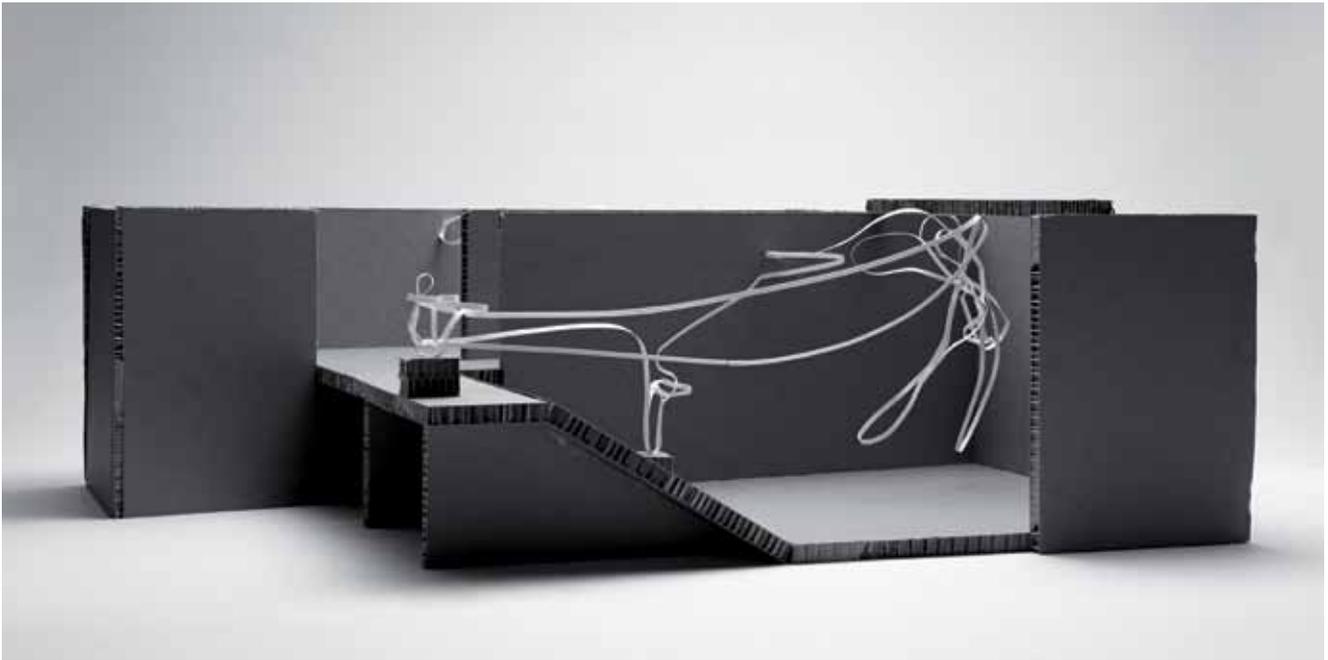
Bernard Frize nasceu em 1949 em Saint-Mandé e vive entre Paris e Berlim. Começou a ganhar notoriedade com as séries de pinturas *All over*, realizadas em 1977. Dois anos depois, realizou a primeira exposição individual na Galerie Lucien Durand, em Paris. Desde então, tem exposto em cidades como Roma (Villa Medici), Londres (Simon Lee Gallery), Nova Iorque (Pace Gallery), e Paris (Galerie Emmanuel Perrotin), entre outras. Este ano venceu o Prémio Käthe Kollwitz, um prémio atribuído anualmente pela Academia das Artes de Berlim e que distingue um artista residente naquela cidade. Na sequência deste prémio, Bernard Frize apresentará uma exposição em Berlim, na Academia das Artes, no próximo outono.

Bernard Frize

Isto é uma Ponte

Curadoria: Isabel Carlos

CAM – 13 FEVEREIRO/31 MAIO



Miguel Ângelo Rocha, *Antes e Depois / Before and After*, 2015

Miguel Ângelo Rocha ~~Antes e depois~~

O escultor português Miguel Ângelo Rocha, nascido em 1964, foi convidado a criar uma instalação inédita, especialmente concebida para a Sala de Exposições Temporárias e para a Sala Polivalente do CAM.

A escultura, de grandes dimensões, intitulada **Antes e depois**, não se dá a ver de uma só vez, mas terá de ser descoberta pelo visitante. Ela desenvolve-se entre as duas salas, apresentando um conjunto de linhas e volumetrias para serem seguidas pelo olhar do visitante. Esta é uma obra sem princípio, meio ou fim e somos nós, visitantes ocasionais, que escolheremos onde, quando e como começar a ver a escultura.

O título, **Antes e depois** (três palavras atravessadas por uma linha horizontal), contém a negação do seu próprio sentido, acentuando a duração e assumindo o tempo da escultura como nunca completo e acabado, em permanente movimento de aproximação a si mesmo.

Elemento importante deste trabalho é a atmosfera sonora criada pelo músico Pedro Moreira, também ela com características escultóricas, de acordo com o artista, e cuja duração coincide com o tempo da própria exposição, constituindo um elemento de construção do espaço. Sobre este trabalho afirma Miguel Ângelo Rocha numa entrevista incluída no catálogo da exposição: “Entrando por este espaço/arena em constante reconfiguração, confrontamo-nos com a coexistência da escultura, visível, e com a obra musical, invisível, ambas decorrendo simultaneamente e simultaneamente experienciadas pelo nosso corpo e todos os seus sentidos. E tanto ao entrar como ao sair do espaço, som e escultura continuarão para lá da nossa presença, dado que

este, quando consciente em nós, convocará, ainda que pela memória, a atualização da obra.”

O artista sublinha ainda a presença do desenho nesta escultura, mas também nas diversas fases da sua construção, nos desenhos preparatórios sobre papel e nas etapas subsequentes. A exposição, comissariada pelo professor e crítico de Arte Nuno Crespo, é acompanhada pela publicação de um livro que aborda a produção deste artista desde meados de 1990 até ao presente e conta com uma extensa conversa entre o artista e Maria João Gamito, um ensaio de Nuno Crespo e o desenho gráfico de Pedro Falcão. ■

Professor na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Miguel Ângelo Rocha realizou a sua primeira exposição individual na Galeria Módulo em 1991 e, desde então, expôs em várias cidades do país e do estrangeiro, como Roterdão e Nova Iorque. Nos últimos anos, destacam-se as exposições na Galeria Quadrum e Pavilhão Branco, Museu da Cidade, Lisboa (2013) e na Galeria Presença, Porto (2014). Está representado na coleção do CAM, na Fundação de Serralves, na Fundação EDP, no Museu do Chiado, no Mudam, Luxemburgo, e na Ross School of Business, University of Michigan, entre outras.

Miguel Ângelo Rocha

Antes e depois

Curadoria: Nuno Crespo

CAM – 13 FEVEREIRO/31 MAIO



Gautherot, Aquiraz, Ceará, ca. 1950



Farkas, Brasília, 1960

Modernidades: Fotografia Brasileira (1940-1964)

Nova exposição do *Próximo Futuro*

A partir de 21 de fevereiro, o trabalho de quatro grandes nomes da fotografia moderna no Brasil – Marcel Gautherot, José Medeiros, Thomaz Farkas e Hans Gunter Flieg –, cujos acervos são conservados pelo Instituto Moreira Salles, em São Paulo e no Rio de Janeiro, vão estar em exposição na Fundação Calouste Gulbenkian, numa iniciativa do programa *Próximo Futuro*.

No início da década de 1940, com a Segunda Guerra Mundial, o Brasil surgia como opção para milhares de emigrantes e, ao mesmo tempo, vivia um processo de modernização único, que agitou todos os sectores da sociedade brasileira. Essa transformação vertiginosa do país é explorada nesta mostra através do olhar de quatro fotógrafos cujo trabalho apresenta uma grande variedade estilística: Marcel Gautherot (1910-1996) era um parisiense de origem operária, admirador das obras de Le Corbusier e de Mies van der Rohe e, a partir de 1958 teve livre acesso às obras de Brasília – um reflexo da amizade que mantinha com Oscar Niemeyer; Hans Gunter Flieg (1923), judeu alemão, refugiou-se do nazismo no Brasil, onde chegou em 1939, tendo-se especializado em fotografia industrial; Thomaz Farkas (1924-2011), húngaro emigrado para o Brasil, dos quatro fotógrafos talvez o mais conhecido, sendo também o mais “vanguardista” do grupo, desde muito jovem se interessou pela fotografia como obra de arte; e finalmente o brasileiro José Medeiros (1921-1990), fotojornalista nascido num estado pobre e sem grande tradição cultu-

ral, aprende a fotografar nas redações cariocas, atento às mudanças e ruturas em todas as classes sociais.

Nesta exposição vemos a Amazônia intocada, as praias e o quotidiano do Rio de Janeiro, mas também o carnaval, o futebol, os ritos de iniciação de religiões africanas, os portos fluviais e os pescadores no Norte, as indústrias e as fábricas, as igrejas barrocas, as tribos indígenas, as ferramentas mecânicas, as festas populares, os edifícios modernistas e a nova capital, Brasília. São temas muito díspares que permitem fazer um retrato do Brasil numa determinada época, que termina com o início da ditadura militar, em 1964.

“Escolhemos estes quatro fotógrafos pela diversidade e pelo carácter complementar dos seus trabalhos. Analisados em conjunto, eles dão conta perfeitamente de duas décadas de cultura brasileira”, diz Ludger Derenthal, que, em conjunto com Samuel Titan Jr., do Instituto Moreira Salles, assinou a curadoria de uma primeira versão desta exposição, exibida entre 2013 e 2014 no Museu da Fotografia de Berlim. Em maio deste ano, a exposição viaja ainda para Paris, onde será apresentada na Delegação em França da Fundação Gulbenkian. ■

Modernidades: Fotografia Brasileira (1940-1964)

Curadoria: Samuel Titan Jr., Ludger Derenthal

e António Pinto Ribeiro

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS | EDIFÍCIO SEDE | PISO -1

21 FEVEREIRO/19 ABRIL



A Biblioteca humanista de Pina Martins

“Os objetos procuram aqueles que os amam” era o comentário que fazia José de Pina Martins (1920-2010) quando encontrava um livro raro destinado à sua biblioteca. Foi assim, de exemplar em exemplar, de livreiro em livreiro, que foi formando, ao longo da vida, uma das mais valiosas bibliotecas particulares especializadas de que há notícia.

Pina Martins amou tudo nos livros: o papel, a técnica da impressão, as ilustrações, a encadernação. E foi com esse espírito que escolheu, para cada volume da sua coleção, a encadernação mais adequada, o estojo mais apropriado, a caixa melhor adaptada à sua conservação.

A biblioteca de José de Pina Martins, ou “Biblioteca de Estudos Humanísticos”, como ele gostava de lhe chamar, inclui grandes temas e autores do humanismo cristão do Renascimento. Muitas obras são em latim e grego, algumas demasiado raras para poderem ser manuseadas. Cada um desses livros desempenhou um papel de relevo na história

do pensamento ocidental, e contribuiu para o desenvolvimento da ciência, da cultura e do conhecimento. Por isso, vale a pena expô-los e convidar o público a conhecer o segredo de uma biblioteca e as pequenas histórias de livros de que se faz a História do Livro.

A mostra é comissariada por Vanda Anastácio, professora associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. José de Pina Martins foi diretor do Centro Cultural Calouste Gulbenkian de Paris e ainda do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, tendo, entre outros cargos, presidido à Academia das Ciências de Lisboa. ■

Uma Biblioteca Humanista.

Os objetos procuram aqueles que os amam

Curadora: Vanda Anastácio

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU GULBENKIAN

27 FEVEREIRO/24 MAIO

É então isto para crianças?

Colóquio a 9 e 10 fevereiro



A criação para a infância é mais livre porque não há barreiras, defende Inês Fonseca Santos, comissária do colóquio *É então isto para crianças? Criações para a infância e a juventude*, que a 9 e 10 de fevereiro reúne na Fundação Calouste Gulbenkian escritores, ilustradores, realizadores, atores e músicos, entre outros convidados, para uma reflexão conjunta que tem como mote a partilha. “A ideia é que seja mesmo uma conversa, em que os autores partilham as suas referências”, explica a comissária do encontro.

Para a conferência de abertura, a jornalista, escritora e poeta Inês Fonseca Santos convidou Davide Cali e Serge Bloch, que têm um livro conjunto também publicado em Portugal intitulado *Eu Espero* (editora Bruáa). “O Davide é escritor e o Serge ilustrador, e fazem uma dupla perfeita para falar sobre álbuns ilustrados, onde não faz sentido dissociar os dois autores.” Inês sabe do que fala: no ano passado também publicou *A Palavra Perdida* (editora Abysmo), em colaboração com a ilustradora Marta Madureira.

Quando lhe perguntamos se é “um livro para crianças”, conta-nos que a ideia surgiu pouco depois de nascer o seu filho, agora com dois anos. “Passava muito tempo com ele ao meu lado, no berço, e foi aí que comecei a esboçar a história”, recorda. “Mas acho que ninguém se senta a pensar: vou escrever uma história para crianças. O que acontece é a certa altura o autor perceber que a criação está a tomar uma forma que pode interessar também aos miúdos. Os livros são para quem gosta deles”, remata. “São para quem gosta da literatura, do jogo; às vezes do jogo das palavras e das imagens. E para quem gosta de ser surpreendido.”

Para a comissária, o livro *O País das Pessoas de Pernas para o Ar*, de Manuel António Pina, é uma referência a partilhar. “Atualmente joga-se muito com a questão da liberdade na linguagem e na abordagem. Não há moral da história; a história

fica muitas vezes suspensa. Isso só começou a ser feito em Portugal com o Manuel António Pina, no início dos anos 70.”

É P’RA MENINOS?

Davide Cali e Serge Bloch terão ainda a seu cargo a conferência de encerramento, em que falarão especificamente dos livros que resultam da colaboração entre ambos, explicando como se desenrola o processo de criação. Pelo meio, ao longo dos dois dias de colóquio, haverá outras conversas sobre livros, claro está, mas também sobre filmes, música e artes performativas.

A fechar o primeiro dia (**9 de fevereiro**, segunda-feira), às 21h, na escadaria junto aos auditórios da Fundação, B Fachada reúne-se com Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves, dos Clã, para o espetáculo *É p’ra meninos?*, título do álbum que o “cantautor” editou em 2010. No mesmo ano também os Clã lançaram *Disco Voador*. Neste espetáculo, que conta ainda com uma intervenção do ilustrador André da Loba, serão partilhadas “experiências, dúvidas e inspirações ao lançarem-se na aventura de fazer música para crianças”. Na manhã seguinte (10 de fevereiro, terça-feira), Manuela Azevedo (Clã) e B Fachada participam na mesa “É então isto uma canção?”, durante a qual serão apresentados depoimentos filmados de Sérgio Godinho, sobre a canção do genérico de *Os Amigos de Gaspar*, e de Fernando Mota, com apresentação de um excerto do espetáculo *Canções Nómadas*.

“Os miúdos estão completamente abertos a todas as possibilidades, os adultos é que depois começam a compartilhar as coisas”, diz Inês Fonseca Santos. “Mas também é bom para os adultos reencontrarem-se com essa espécie de espanto que foram perdendo ao longo da vida.” ■



Kind Hearts and Coronets, de Robert Hamer, 1949

Sorrisos europeus

Três filmes realizados e produzidos na Europa vão abrir a programação deste mês do ciclo *P'ra rir!* no Grande Auditório. Afinal, o grande cinema foi muito frequentemente europeu, como europeus foram, também, alguns dos melhores cineastas.

A escolha que aqui se apresenta (da responsabilidade de João Mário Grilo) é um pretexto para ver filmes preciosos que ancoram na realidade e cultura europeias, apesar de faltar um exemplo maior – o cinema de Jacques Tati –, por enquanto indisponível em Portugal por questões de distribuição e exibição.

10 FEVEREIRO, 18H30

Romance de Um Aventureiro (*Le Roman d'un tricheur*), 1936

Realização e argumento: Sacha Guitry;

Produção: Serge Sandberg;

Interpretação: Sacha Guitry, Marguerite Moreno, Jacqueline Delubac, Roger Duchesne, Rosine Deréan, Elmiere Vautier, Serge Grave, Pauline Carton;

Duração: 81 minutos.

Considerado por François Truffaut uma verdadeira obra-prima, *Le Roman d'un tricheur* foi filmado como um

romance em que a voz do narrador assume um papel determinante, orientando os movimentos, os gestos e as expressões faciais dos atores nas filmagens.

O próprio Guitry é não só o narrador do filme, como também o protagonista da história – o batoteiro – que nele é contada. Trata-se de um filme incomparável e sublime, a ponto de podermos dizer que, na sua singularidade, *Le Roman d'un tricheur* está para o cinema, como o *D. Quixote*, de Cervantes, para a literatura.

10 FEVEREIRO, 21H30

Oito Vidas por Um Título (*Kind Hearts and Coronets*), 1949

Realização: Robert Hamer;

Produção: Michael Balcon (Ealing Studios);

Interpretação: Alec Guinness, Dennis Price, Joan Greenwood, Valerie Hobson, Audrey Fildes, John Pensrose, Clive Morton;

Duração: 106 minutos.

Adaptado por Robert Hamer e pelo argumentista John Dighton, a partir da obra *Israel Rank*, este filme conta-nos a história do assassinato em série de todos os herdeiros da aristocrática família D'Ascoyne, perpetrado para vingar a memória de uma D'Ascoyne, que foi toda a vida rejeitada pelo clã por ter casado com um cantor italiano.

Tal como *Le Roman d'un tricheur*, trata-se da narração, neste caso, das memórias do assassino, tal como escritas pelo próprio na véspera da execução. Um dos aspetos relevantes deste filme prende-se com a entrega das oito personagens (membros de família D'Ascoyne) a um mesmo ator, Alec Guinness, que interpreta cada um de forma tão individualizada e singular, que se chega a acreditar que são, na realidade, oito diferentes atores a dar-lhes corpo.

11 FEVEREIRO, 21H30

Sorrisos de uma Noite de Verão (*Sommarnattens Leende*), 1955

Realização e argumento: Ingmar Bergman;

Produção: Allan Ekelund;

Interpretação: Gunnar Bjornstrand, Ulla Jacobsoson, Eva Dahlbeck, Harriett Andersson, Margit Carlqvist, Jarl Kulle, Bjorn Bjelfvenstam, Naima Wifstrand;

Duração: 108 minutos.

Estamos em 1901, num burgo provinciano sueco. Frederik Egerman é um advogado bem estabelecido, viúvo e pai de Henrik, um estudante de Teologia atormentado pelos sentimentos pecaminosos que nele desperta Petra, a sensual criada da casa. Frederik está casado em segundas núpcias com Anne, mulher muito mais jovem, sem que, no entanto, o casamento seja consumado. Entretanto Egerman mantém uma ligação amorosa com Désirée Armfeldt, atriz célebre, que, por sua vez, tem por amante o conde Malcolm, oficial de cavalaria. Malcolm está casado com a condessa Charlotte, que, ao descobrir a relação de Désirée com Frederik, resolve humilhar o advogado num perverso jogo de roleta russa. Entretanto, tudo se precipitará durante um jantar afrodisíaco que Désirée organiza, durante o qual todos se irão render aos chamamentos do amor, na medida das suas surpreendentes e distintas capacidades.

Jerry Lewis – O Cinema Total

O primeiro programa de autor deste ciclo é dedicado ao cineasta e ator americano Jerry Lewis, cuja obra perturbou e escandalizou um cinema americano (politicamente) bem comportado. O excesso é um traço fundamental da obra de Lewis, assente numa pantomima voluntariamente exacerbada, no limite da deformação física. Jean-Luc Godard admirava o seu domínio do espaço, da câmara, da geometria e da cor, considerando-o um continuador de Harry Langdon, Buster Keaton e Charlie Chaplin.

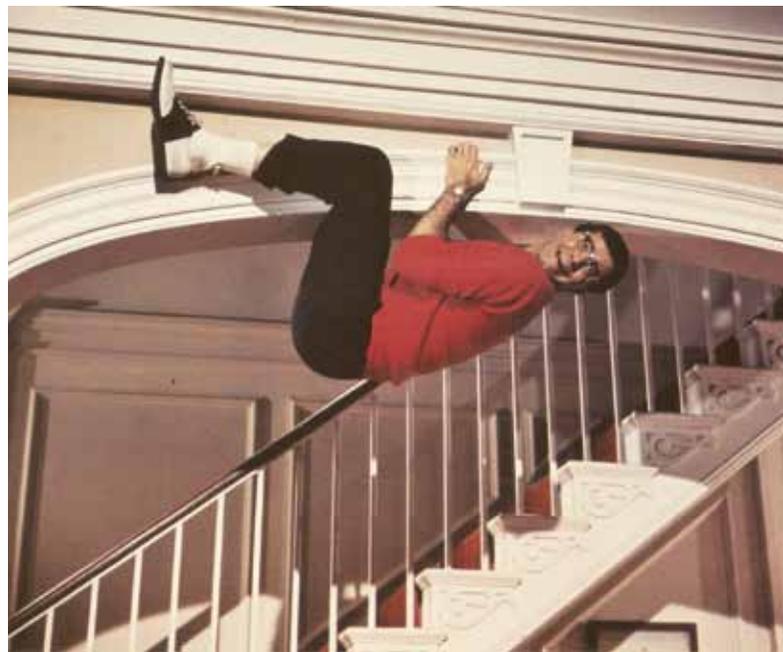
15 FEVEREIRO, 15H30

O Homem das Mulheres (*The Ladies Man*), 1961

Realização e produção: Jerry Lewis;

Argumento: Jerry Lewis, Bill Richmond;

Interpretação: Jerry Lewis, Helen Traubel, Pat Stanley,



The Ladies Man, de Jerry Lewis, 1961

Kathleen Freeman, Hope Holiday, George Raft, Sylvia Lewis

Duração: 95 minutos

Este filme conta a história de Herbert H. Heebert um jovem que, desiludido com a vida e as mulheres, aceita um trabalho na residência da Senhora Welenmelon, destinada a servir de alojamento temporário a um batalhão de raparigas e a um leão.

Único homem na casa, Herbert tenta desembaraçar-se como pode, e com um estilo muito próprio, de todas as tarefas domésticas. Este filme contou com um dos maiores cenários alguma vez construídos na história do cinema, tendo sido necessários dois estúdios da Paramount para albergar o monumental interior da residencial. O filme insinua-se como uma notável imagem dos dramas psicanalíticos do homem americano.

15 DE FEVEREIRO, 18H30

As Noites Loucas do Dr. Jerryll (*The Nutty Professor*), 1963

Realização: Jerry Lewis;

Produção: Jerry Lewis, Ernest D. Glucksman; *argumento:*

Jerry Lewis, Bill Richmond;

Interpretação: Jerry Lewis, Stella Stevens, Del Moore, Kathleen Freeman, Howard Morris, Elvia Allman

Duração: 107 minutos

Este filme é uma engenhosa variação sobre *O Médico e o Monstro*, onde tudo se encontra concentrado no corpo de Jerry Lewis, que desempenha, sucessiva e alternadamente, as personagens do assexuado professor de química Julius Kelp e do seu alter-ego, o *playboy* Buddy Love.



Ginger & Fred, de Federico Fellini, 1986

A ligar as duas personagens está a estudante Stella Purdy, interpretada por Stella Stevens, perfeita *screen beauty* da década de 60. Aprofundando as referências psicanalíticas, estão ainda, em pano de fundo os disfuncionais pais Kelp: uma mãe castradora e um pai castrado.

15 FEVEREIRO, 21H30

O Rei da Comédia (*The King of Comedy*) 1982

Realização: Martin Scorsese;

Produção: Arnon Milchan, Robert Colesberry,

Robert Greenhut; *argumento*: Paul D. Zimmerman;

Interpretação: Robert De Niro, Jerry Lewis,

Diahnne Abbott, Sandra Bernhard, Ed Herlihy

Duração: 109 minutos.

Assim chegamos a *The King of Comedy*, último filme desta série de homenagem a Jerry Lewis, que é, também ele, um “filme de homenagem”, realizado por Martin Scorsese, em 1982. Vinte e cinco anos depois da sua separação de Dean Martin e o início de uma carreira solitária, na qual Lewis realizou, produziu, escreveu e interpretou a esmagadora maioria dos seus filmes, eis que *The King of Comedy* o volta a emparelhar com outro ator: desta feita, Robert De Niro, que interpreta um virulento aspirante a comediante televisivo que quer à viva força fazer o seu número de *stand up* no *talk show* de Jerry Langford (Jerry Lewis), para ganhar assim, julga ele, a celebridade que tanto ambiciona.

O Cinema ri de si próprio

Se qualquer espectador sabe “como são feitos os filmes”, é porque abundam os exemplos de filmes que revelam os mecanismos da sua própria produção ou da produção do cinema em geral. Este programa apresenta alguns exemplos de como o cinema se constituiu em objeto de um riso sobre si próprio. Nenhum destes filmes é uma comédia, estando alguns mesmo muito longe desse registo. Porém, todos se encontram ligados pelo modo da reflexividade e da ironia.

16 FEVEREIRO, 21H30

A Noite Americana (*La Nuit américaine*), 1973

Realização: François Truffaut;

Produção: Les Films du Carrosse; *argumento*: François

Truffaut, Jean-Louis Richard, Suzanne Schiffman;

Interpretação: Jacqueline Bisset, Valentina Cortese,

Alexandra Stewart, Jean-Pierre Aumont, Jean-Pierre Léaud,

François Truffaut, Jean Champion, Nathalie Baye, Dani,

Bernard Menez

Duração: 115 minutos.

A *Noite Americana* trata das várias aventuras passadas durante a rodagem de um filme “clássico”, uma produção típica de estúdio, que Truffaut (a desempenhar o papel de um realizador) filma no Sul de França, num *décor* abandonado dos estúdios de La Victorine.

Trata-se de um exemplo acabado de um metafilme, ou seja, um filme sobre um filme. Mas a sutileza de Truffaut é que filme e metafilme não se ocultam reciprocamente, antes funcionando a história de um como o prolongamento da história do outro, e vice-versa. Obteve o Óscar para o melhor filme estrangeiro, em 1974, com rasgados elogios da crítica americana.

18 FEVEREIRO, 21H30

Ginger & Fred, 1986

Realização: Federico Fellini;

Produção: Alberto Grimaldi; *argumento:* Tonino Guerra, Tullio Pinelli, Federico Fellini (adaptação de uma história de Tonino Guerra e Federico Fellini);

Interpretação: Marcello Mastroianni, Giulietta Masina, Franco Fabrizi, Frederik Von Ledeburg, Augusto Poderosi, Martin Maria Blau, Jacques-Henri Lartigue, Toto Mignone

Duração: 125 minutos.

Pippo Botticella (Marcello Mastroianni) e Amelia Bonetti (Giulietta Masina) são um par de antigos bailarinos vagamente conhecido pelas suas imitações populares de um par célebre: Fred Astaire e Ginger Rogers. É nessa qualidade que, mais de três décadas passadas sobre o auge da sua pequena fama pública, Pippo e Amelia são convidados a integrar um *show* televisivo durante o qual é suposto refazerem uma das suas coreografias. *Ginger e Fred* narra a aventura deste casal de bailarinos de 60 anos, face ao meio obliterante e amnésico da televisão. O filme é uma grande e solitária meditação sobre a contemporaneidade pós-moderna da paródia e do *pastiche* e os modos como ambos contribuíram para fazer a fortuna da televisão.

21 FEVEREIRO, 18H30

Caro Diário, 1993

Realização e argumento: Nanni Moretti;

Produção: Nanni Moretti, Angelo Barbaglio, Nella Banfi;



Caro Diario, de Nanni Moretti, 1993

Interpretação: Nanni Moretti, Giovanna Bozzolo, Sebastiano Nardone, Antonio Petrocelli, Giulio Base, Italo Spinelli, Jennifer Beals, Alexander Rockwell, Renato Carpentieri;

Duração: 100 minutos.

Remando contra a maré do fim anunciado do cinema italiano, com a morte de Federico Fellini, Nanni Moretti coloca a câmara na sua Vespa e percorre, no início de *Caro Diario* três bairros periféricos para onde uma “nova Roma” foi habitar durante o *boom* económico da década de 60. É um domingo quente de agosto, as ruas estão praticamente desertas, sendo nesse cenário quase clandestino que Moretti inventa um trajeto de “renascimento” daquela que foi uma das mais significativas e extraordinárias cinematografias do mundo.

Caro Diario é um filme profundamente crítico e filosófico, que se propõe como uma grande reflexão sobre a Itália berlusconiana.



Zelig, de Woody Allen, 1983

21 FEVEREIRO, 21H30

Zelig, 1983

Realização e argumento: Woody Allen;

Produção: Robert Greenhut, Charles H. Joffe, Michael Peyser, Jack Rollins;

Interpretação: Woody Allen, Mia Farrow, Patrick Horgan, Stephanie Farrow, Garrett Brown, Sol Lomita, Deborah Rush, John Buckwalter, Martin Chatinover, Stanley Swerdlow, Paul Nevens

Duração: 79 minutos.

Depois de ver *Caimão*, o filme que Nanni Moretti realizou em 2006, sobre a queda de Berlusconi, Veronica Lario Berlusconi, a segunda mulher do *condottiere* terá dito que sobre ele só foi feito um filme, realizado por Woody Allen e intitulado *Zelig*. Entre o caimão de Moretti e o “homem-camaleão” de Woody Allen (é assim que Leonardo Zelig surge apelidado no filme), há uma diferença de espécie, mas não de natureza, já que estamos, em ambos os filmes, no domínio do “reptilário” social e mediático. ■



Adriana Calcanhoto © Daryan Dornelles

Do Brasil ao Irão, passando pela Turquia

Em fevereiro, o Grande Auditório Gulbenkian recebe três concertos inseridos no ciclo Músicas do Mundo. O primeiro, logo no dia 2, junta **Kayhan Kalhor e Erdal Erzincan** num projeto de colaboração entre as culturas persa e anatóliana. Acompanhados por instrumentos tradicionais dos seus países de origem, Khalor, com o seu kamancha iraniano, um parente do violino, e o turco Erzincan, no baglama anatóliano, um instrumento semelhante ao alaúde, vão interpretar *Kulluk Yakisir Mi* (É impróprio seguir alguém servilmente). Desta forma, poder-se-á assistir à ligação entre duas tradições musicais distintas, mas com ecos comuns da cultura musical persa, que se fez sentir também na região árabe da Turquia.

Ainda no Grande Auditório, mas no **dia 20**, é uma outra dupla que sobe ao palco. **José Miguel Wisnik e Arthur Nestrovski** apresentam *Morta Loucura – Canções do Brasil*.



Kayhan Kalhor e Erdal Erzincan

Arthur Nestrovski é diretor artístico da Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, mas divide o seu tempo por um sem-fim de atividades ligadas direta ou indiretamente à música. Após uma prolongada ausência, voltou à sua atividade de músico e compositor em 2004, tocando e gravando regularmente com nomes de referência da Música Popular Brasileira, como Ná Ozzetti, Zélia Duncan, Tom Zé e José Miguel Wisnik, conhecido músico, compositor e ensaísta, que também reparte o seu tempo como professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo e com quem irá partilhar o palco. Acompanha-os, enquanto artista convidada, a cantora Livia Nestrovski.

CONCERTOS DE DOMINGO

No final do mês e no início de março há **Adriana Calcanhoto** em dose tripla na Fundação. No primeiro concerto, no **dia 25 de fevereiro**, a compositora porto-alegrense apresenta-se sozinha com a sua guitarra em *Olhos de Onda*, um espetáculo que nasce de uma canção com o mesmo título e que toma por mote a língua portuguesa e o mar, mas onde em cada momento, os poetas e os reportórios que se entrecruzam com a canção podem mudar, resultando num concerto sempre diferente. Para dar arranque ao mês de **março**, logo no **dia 1**, Calcanhoto junta-se ao maestro Rui Pinheiro e à Orquestra Gulbenkian em dois concertos no mesmo dia. *O Pedro e o Lobo*, de Prokofiev, e canções de Partimpim, o heterónimo utilizado pela brasileira, são as temáticas abordadas neste espetá-



Mário Laginha

culo incluído no ciclo de Concertos de Domingo, com o apoio da Santa Casa da Misericórdia.

Também integrado no mesmo ciclo, no **dia 22 de fevereiro**, o pianista **Mário Laginha** faz-se acompanhar da Orquestra Gulbenkian, sob a batuta de Pedro Neves, para a interpretação de *Rhapsody in Blue*, uma das mais emblemáticas peças do compositor norte-americano George Gershwin, que Mário Laginha traz ao Grande Auditório pela terceira vez.

JONATHAN BURROWS E MATTEO FARGION NO TEATRO MARIA MATOS

No âmbito do ciclo Teatro/Música, em parceria com o Teatro Maria Matos, a sua sala principal recebe, de **13 a 15 de fevereiro**, várias atuações de Jonathan Burrows e Matteo Fargion. A dupla define o seu trabalho como “feito à mão e escala humana”. Com elementos simples e pouco espetaculares, constroem pequenos duetos de música, dança e linguagem que irradiam um virtuosismo encantador, mas não deixam de instigar à reflexão. Neste fim de semana, o duo de criadores apresenta uma seleção das suas criações mais relevantes dos últimos dez anos. O que têm em comum é a justaposição do formalismo da composição musical com uma atitude inovadora e aberta em relação ao teatro e ao seu público.

O espetáculo que abre esta série, *Both Sitting Duet*, foi a primeira obra assinada por ambos os artistas, e foi pensada como um dueto em que os dois eram intérpretes em condições iguais. Sentados lado a lado, repetem uma série de gestos simples para criar uma estrutura extraordinária de movimento, ritmo e som. Ainda na mesma sexta-feira, *Cheap Lecture* e *The Cow Piece* são peças que dialogam com *Lecture on Nothing*, de John Cage. Ambas utilizam a mesma estrutura cénica, mas levam o espectador para universos distintos. Os espetáculos repetem no domingo, **15 de fevereiro**.

Speaking Dance, apresentado no sábado, é a parte final de uma trilogia, iniciada em *Both Sitting Duet*, que se dedica à exploração da relação entre a dança, a música e as suas frágeis e permeáveis fronteiras. Mais tarde, *Body not Fit for Purpose*, assente na estrutura de *La Folia*, mostra o lado político de Burrows e Fargion, enquanto que em *One Flute Note*, a dupla apresenta uma reflexão sobre a memória e a música, onde ambos vão juntando fragmentos de som e ação, construindo assim uma peça cada vez mais complexa. Para terminar, em *Show and Tell*, os dois criadores exploram as influências que conduziram ao crescimento do seu corpo de trabalho em conjunto, numa atuação que cruza os campos da palestra e da performance. *Rebelling against Limit* é uma pequena palestra pontuada pelas ilustrações de Peter Rapp, em que a dupla coloca em perspetiva aquilo que faz. ■

MÚSICAS DO MUNDO Grande Auditório

Kayhan Kalhor & Erdal Erzincan

Segunda, 2 fevereiro | 21h

José Miguel Wisnik & Arthur Nestrovski

Sexta, 20 fevereiro | 21h

Adriana Calcanhotto

Quarta, 25 fevereiro | 21h

CONCERTOS DE DOMINGO Grande Auditório

Mário Laginha, Orquestra Gulbenkian, Pedro Neves

Domingo, 22 fevereiro | 11h e 16h

Adriana Calcanhotto, Orq. Gulbenkian, Rui Pinheiro

Domingo, 1 março | 11h e 16h

TEATRO/MÚSICA Teatro Maria Matos

Jonathan Burrows e Matteo Fargion

sexta 13 fevereiro

19:30h Both Sitting Duet

21:30h Cheap Lecture | The Cow Piece

sábado 14 fevereiro

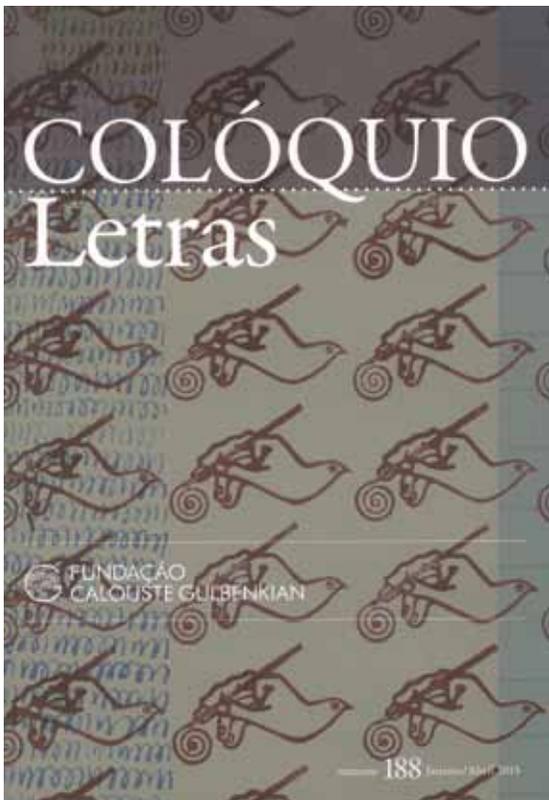
19:30h Speaking Dance

21:30h Body not Fit for Purpose | One Flute Note

domingo 15 fevereiro

18:30h Show and Tell | Rebelling Against Limit

21:30h Cheap Lecture | The Cow Piece



Materialidades da Literatura

O mais recente número da revista quadrimestral *Colóquio-Letras* tem como título “Materialidades da Literatura”, um paradigma de trabalho emergente nos estudos literários. Tomando o tema como ponto de partida, Osvaldo Manuel Silvestre aborda a técnica de cinema usada por Joaquim Pedro de Andrade, em 1959, para filmar Manuel Bandeira no documentário *O Poeta do Castelo*, uma obra emblemática do então nascente Cinema Novo Brasileiro. Paulo Silva Pereira, em “Barroco digital: remediação, edição textual e arquivo”, aborda a aplicação das novas tecnologias digitais nas humanidades, uma temática que encontra paralelo em “(Re)criando infraestruturas: o que é exatamente a e-Filologia”, de Ricardo Namora.

Manuel Portela e António Rito Silva apresentam uma nova forma de ler o *Livro do Desassossego* em “A dinâmica entre arquivo e edição no ‘Arquivo LdoD’”, uma dissertação sobre o Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego; e Sónia Deus Ferreira escreve sobre a forma como texto e imagem se conjugam para figurar a morte no Barroco em “A morte não é tão feia como se pinta”.

O número janeiro/abril de 2015 inclui ainda um artigo de Maria Alzira Seixo sobre o romance *Maria Adelaide*, 1938, de Manuel Teixeira-Gomes; Maria de Jesus Cabral oferece uma nova leitura de *Interlúnio*, de Eugénio de Castro, e Rita Basílio aborda a correspondência entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz. Em “António Ramos Rosa e fluido fulgor do poema”, Ângela Varela relembra o poema em prosa na obra de Ramos Rosa, e Laura Cavalcante Padilha aborda a obra *Luuanda*, escrita em 1963 no pavilhão prisional da Pide, em Luanda, por Luandino Vieira.

Para além das habituais secções de notas e recensões críticas, publicam-se poemas de Golgona Anghel, um quase-inédito de Alberto de Lacerda e uma entrevista de Ana Marques Gastão a Lídia Jorge, com o título “Todas as contradições da minha cidade têm um espelho no céu”.

No que diz respeito à capa e composição gráfica, o owarensense Emerenciano é o artista convidado desta edição. ■

OUTRAS EDIÇÕES

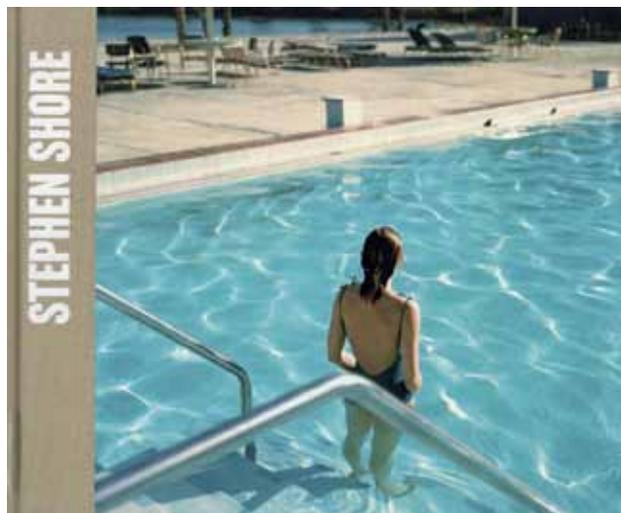
O *Livro de Eclesiastes*, Damião de Góis (2.ª edição)

Tratado da Sphera, vol. I – Obras de Pedro Nunes (2.ª edição)

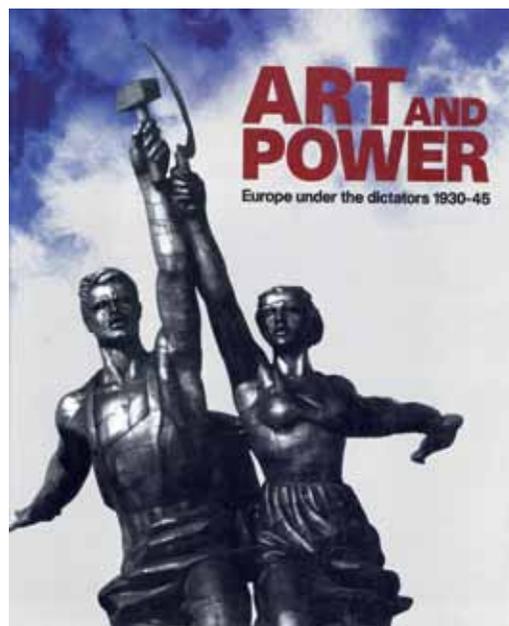
Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

Inaugurada na Fundación Mapfre (Madrid), onde esteve entre setembro e novembro do ano passado, a exposição dedicada ao fotógrafo norte-americano Stephen Shore (N.I., 1947) pode ser visitada até setembro de 2016, em mais quatro cidades europeias: em Arles (Les rencontres d'Arles, julho-setembro de 2015), em Turim (Camera-Centro Italiano per la fotografia setembro-dezembro), Berlim (C/O Berlin, janeiro-abril de 2016) e em Amsterdão (Huis Marseille, junho-setembro). A obra fotográfica de Stephen Shore é uma das mais significativas da fotografia contemporânea, sobretudo na valorização da fotografia a cores, que explorou a partir do início dos anos de 1970. A exposição que a Fundación Mafre preparou, com a curadoria de Marta Dahó, apresenta quatro décadas da produção fotográfica de Shore, desde os seus primeiros trabalhos a p&b influenciados por Walker Evans, até às últimas séries realizadas em 2012-2013 na Ucrânia e no Arizona, passando pelos trabalhos na *Factory* de Andy Warhol. São cerca de 300 fotografias, organizadas em núcleos temáticos, onde se incluem alguns dos projetos mais importantes desenvolvidos por Stephen Shore, como "American Surfaces" (1972-1973) e "Uncommon places" (1973-1981), através dos quais se observam as diversas fases da sua prática, com ênfase na reflexão sobre a linguagem fotográfica, a análise da paisagem e do significado da cor.

O magnífico catálogo que acompanha esta exposição foi produzido pela Fundación Mafpre, com a coordenação de Victoria del Val, e, para além da edição espanhola – que pode ser consultada na Biblioteca de Arte –, teve coedições em inglês, francês, alemão e italiano; contém três ensaios, uma extensa entrevista do curador e fotógrafo David Company a Stephen Shore, uma cronologia, uma bibliografia selecionada e a lista das obras expostas, assim como a sua reprodução de grande qualidade. ■



No final da década de 1995, sob os auspícios do Conselho da Europa, a Hayward Gallery (Londres), em colaboração com o Centre de Cultura Contemporânea (Barcelona) e o Deutsches Historisches Museum (Berlim), apresentaram uma grande e importante exposição onde se pretendeu mostrar e examinar as relações entre a arte e a política, durante um período conturbado da história recente da Europa: as décadas de 1930 e 1940. Os organizadores escolheram como estudos de caso a produção artística e arquitetónica na Espanha franquista, na Itália de Mussolini, na Alemanha de Hitler e na União Soviética de Estaline. A exposição mostrava não só como cada um destes regimes totalitários usou a arte e a arquitetura como propaganda dos seus princípios e ideais políticos, mas também que os que escolheram recusar servir esse propósito foram, por isso, obrigados a exilar-se. O livro-catálogo que ficou para memória futura e investigação sobre o tema da exposição contém mais de 450 ilustrações que incluem pintura, escultura, arquitetura, mas também cinema, fotografia e cartazes e imprensa da época, que acompanham o capítulo de ensaios e os outros quatro sobre, respetivamente, "Exposição Internacional de Paris 1937", "Roma", "Moscou" e "Berlim"; uma introdução do historiador Eric Hobsbawm e um posfácio de Neal Ascherson. Completam-no as biografias de todos os artistas e arquitetos, uma cronologia ilustrada e excertos de jornais e revistas publicados naquele período. ■



Biblioteca de Arte

Théorie de l'art des jardins

São frequentes os exemplos de autores e obras que, tendo sido famosos na sua época, foram progressivamente relegados para segundo plano, caindo posteriormente num relativo esquecimento. Assim aconteceu com Christian Cay Laurenz Hirschfeld (1742-1792) e com a sua obra em cinco volumes *Théorie de l'art des jardins*, publicada em Leipzig em alemão e francês, entre 1779 e 1785. Nascido numa pequena cidade da região de Holstein, C. C. L. Hirschfeld foi durante a sua existência e até meados do século XIX considerado, no contexto geográfico do continente europeu – excluindo as ilhas britânicas –, uma autoridade em tudo o que com os jardins se relacionasse: história, arte, teoria.

As suas obras, produzidas durante os anos em que foi professor de Filosofia, Estética e História da Arte na Universidade de Kiel, foram importantes não apenas na Alemanha e na Escandinávia (a região de Holstein pertenceu durante vários séculos à coroa dinamarquesa), mas também em França, na Hungria, na Rússia, em Itália e nos Países Baixos. E se todos os seus escritos sobre a arte dos jardins tiveram igualmente êxito, sem dúvida que a obra maior de Hirschfeld foi a sua *Théorie de l'art des jardins*. Lidas e apreciadas tanto por estudiosos como por um público menos especializado, as obras de Hirschfeld a todos agradavam quer pela sua escrita clara e fluida quer pela sua erudição. Contudo, por um acaso da fortuna, no final de Oitocentos poucos eram na Europa os que conheciam o seu nome ou a sua obra, e só no último quartel do século XX, por causa do interesse crescente pela história e a teoria dos jardins, C. C. L. Hirschfeld voltou de novo a ser objeto de atenção, tendo em 1973 sido publicada uma edição fac-similada (em alemão e em francês) da *Théorie*.

Nas suas viagens, Hirschfeld nunca viajou pela Inglaterra, cujos jardins ele tanto admirava. Isso não o impediu de fazer a sua apologia e de os apresentar como modelo, em oposição ao ainda em voga jardim francês, cuja singularidade ele associava ao despotismo absolutista. Na verdade, quando foi publicado o primeiro volume da *Théorie* existiam já desde meados do século XVII diversas reflexões teóricas de autores ingleses sobre o carácter poético e pito-

resco dos jardins que, de resto, serviram de inspiração a Hirschfeld e que ele cita, sobretudo Willam Chambers (1723-1796), Thomas Gray (1716-1771) e Thomas Whately (m. 1772). Mas se a obra de Hirschfeld não trouxe grande novidade ao tema, a ela se deve a divulgação, deste lado do canal, desses autores e dessa nova conceção estética dos jardins e da natureza. Talvez o seu aspeto teórico mais inovador seja a conceção da arte do jardim como campo de experiências subjetivas e sensoriais, no tempo e no espaço, criando uma nova relação do homem com a natureza, mesmo que C. C. L. Hirschfeld não tenha nunca conseguido pôr em prática a sua teoria.

Estes cinco volumes estão repletos de informação erudita. E, no seu conjunto, têm um carácter quase enciclopédico, pois neles o leitor tanto encontra comparações com a pintura de paisagem, como descrições emotivas de jardins, listas de plantas apropriadas a determinadas climas e estações e elementos arquitetónicos e escultóricos. Todo o texto é acompanhado de notas de rodapé e citações de outros autores, e é ilustrado por cerca de 250 imagens gravadas: vistas e estudos de construções que, na sua maioria, funcionam apenas com carácter decorativo; e paisagens, sobretudo imaginadas, desenhadas por Jean Henri Brandt. É conhecido o gosto de Calouste Gulbenkian pelos jardins, contendo a sua biblioteca particular algumas obras de referência sobre o tema, como é o caso desta de Christian Cay Laurenz Hirschfeld. ■ **Ana Barata**

TÍTULO/ RESP *Théorie de l'art des jardins* / par C. C. L. Hirschfeld
PUBLICAÇÃO Leipzig : Chez les Heritiers de M. G. Weidmann et Reich, 1779-1785

DESCR. FÍSICA 5 v. : il. ; 26 cm

NOTAS Contém gravuras de Christian Gottlieb Geyser e desenhos de Jean Henri Brandt. Exemplar com notas manuscritas e com o recorte da notícia do catálogo do leilão em que a obra foi adquirida. Encadernação da época em pele com efeito marmoreado, cercadura dourada nas pastas. 5 nervos, casas douradas com motivos vegetais, autor e tít. na 2ª casa, volume na 3ª e corte vermelho

PROVENIÊNCIA Coleção Calouste Gulbenkian – Documentação
COTA(S) AAT 13-13d

THÉORIE
DE
L'ART DES JARDINS

PAR
C. C. L. HIRSCHFELD,
*Conseiller de Justice de S. M. Danoise & Professeur de Philosophie & des
Beaux-Arts dans l'Université de Kiel.*
TRADUIT DE L'ALLEMAND.



TOME CINQUIÈME
avec la Table générale des Matières.

LEIPZIG
CHEZ LES HERITIERS DE M. G. WEIDMANN ET REICH. 1785.



Modernidades: Fotografia Brasileira (1940-1964)
21 fevereiro a 19 abril 2015
GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS | EDIFÍCIO SEDE | PISO -1

